

REVISTA

Órgão Oficial da Sociedade Médica de Sergipe

SOMESE

Ano XXV - N 116 - NOV/DEZ - 2009

ESPECIAL:
CURSO DE
MEDICINA DA UNIT



Diga SIM ao ATO MÉDICO

EXCLUSIVO

Noite memorável nos 15 anos da Academia



Entrevista: José Hamilton Maciel Silva

A Perfeita Combinação de Tecnologia e Qualidade



TOMÓGRAFO COMPUTADORIZADO
HELICOIDAL HISPEED DUAL  GE Medical Systems

Constantemente investimos em novas tecnologias, adquirindo equipamentos de última geração para modernização de nosso centro de diagnósticos. Com isso, buscamos maior rapidez no atendimento e maior conforto aos nossos clientes.

Além disso, reunimos uma equipe de profissionais altamente especializados que analisam detalhadamente os seus exames com rigoroso controle de qualidade.



Matriz:
Praça da Bandeira, 325
Tel. (79) 3205-6700
CEP: 49010-470



www.uniclinica.com.br



Filial:
Praça da Bandeira, 500
Tel. (79) 3212-8300
CEP: 49010-320

A Alfama sente orgulho de fazer parte desta história

Unimed Sergipe

ÁREA RESERVA: CONDOMÍNIOS, COLABORADORES E ESTACIONES

Selecione uma opção

Nunca é cedo demais para ser um atleta.

A Unimed | Cliente | Unidades | Portal Viva Mais | Notícias | Trabalhe Conosco | Fale Conosco

Destaque Unimed

Dia Mundial de Luta contra Aids é marcado por combate ao preconceito
Número de casos no mundo diminui, mas infecção no Brasil ainda preocupa.

Unimed Sergipe ganha prêmio de melhor plano de saúde...

Guia Médico

Nome:

Especialidade:

Cidade:

central de atendimento
0800-7040111

assine rss
Assine e fique informado de assuntos de seu interesse.

newsletter
Receba informações da Unimed Sergipe em seu e-mail.

ANS - nº 33764-B

A Unimed | Unidades | Notícias | Trabalhe Conosco | Fale Conosco

Rua Senechal, 100 - São José - CEP 49015-305 Aracaju - SE
© UNIMED Sergipe - Todo conteúdo desta site é de propriedade da Unimed Sergipe

novo site:
www.unimedse.com.br



Expediente

SOCIEDADE MÉDICA DE SERGIPE

Fundada em 27 de junho de 1937
Filiada a ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA
Considerada de Utilidade Pública
Lei Estadual nº 2.269 de 09/07/80
Lei Municipal nº 728/80 de 13/10/80

DIRETORIA EXECUTIVA 2008-2011

Presidente: Petrônio Andrade Gomes
1º Vice-presidente: Raul Andrade Mendonça Filho
2º Vice-presidente: Ângela Marinho Barreto Fontes
Secretário Geral: Eduardo Góis Cardoso
1º Secretário: José Aderval Aragão
Tesoureiro Geral: Hesmoney Ramos Santa Rosa
1º Tesoureiro: Pedro Henrique Costa C. G. Moreno
Diretor Social: Andréia Diniz Franco Maciel Silva
Bibliotecário: José Hamilton Maciel Silva Filho

CONSELHO FISCAL

Titulares

Atilano Salvador Godinho
José Euclides de Moura Neto
Marcos Ishi

Suplentes:

Ana Luiza de Andrade Vahle
Ricardo Viana de Bragança
Saulo Maia D'Avila Melo

DELEGADOS JUNTO À AMB

Titulares

José Sêrvulo Sampaio Nunes
Marcos Albuquerque

Suplentes

Anselmo Mariano Fontes
Marcos Antonio Araújo de Melo

REVISTA DA SOMESE

Órgão Oficial da Sociedade Médica de Sergipe

Editoria:

Rua Guilhermino Resende, 426.
Bairro São José. Aracaju - Sergipe
Fone/Fax: (079) 3211-9357
editoriarevistasomeses@alfamaweb.com.br

Diretor Executivo:

Lúcio Antônio Prado Dias

Editora:

Bruna Andrade - DRT/SE- 1397

Corpo Redatorial:

Antônio Samarone
Déborah Pimentel
Lúcio Antônio Prado Dias
José Hamilton Maciel Silva
Marcelo da Silva Ribeiro
Marcos Almeida
Petrônio Andrade Gomes
William Eduardo Nogueira Soares

Projeto Gráfico/Diagramação

Alfama Web

Revisão

Marcelo da Silva Ribeiro
Lúcio Antonio Prado Dias

Impressão:

Tiragem desta edição: 2.000 exemplares.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da Sociedade Médica de Sergipe.

Sumário



Câncer - Um problema de saúde pública

Pág. 8



Colóquio de História da Psiquiatria

Pág. 9



Unit recebe aval do MEC para ofertar Medicina

Pág. 10-11



CAPA | Regulamentação do Ato Médico

Pág. 18-19



ENTREVISTA | Dr. José Hamilton Maciel Silva

Pág. 20-25



Noite memorável nos 15 Anos da Academia

Pág. 32

Colaboradores desta edição



RESIDÊNCIA MÉDICA | 6

ANTONIO CARLOS LOPES é presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica.



MEMÓRIA | 13

WILLIAM SOARES é cancerologista do Instituto San Giovanni, Membro da Academia Sergipana de Medicina e Ex-Presidente da Sociedade Médica de Sergipe.



HISTÓRIA DA MEDICINA | 16

ANTÔNIO SAMARONE é sanitarista, membro da Academia Sergipana de Medicina e atual Superintendente da SMTT.



PERSONALIDADES | 36-37

FRANCISCO ROLLEMBERG é membro da Academia Sergipana de Letras e Ex-Senador da República.



FORMAÇÃO MÉDICA | 12

DÉBORAH PIMENTEL é médica, psicanalista, professora de Ética Médica da UFS, preside a Academia Sergipana de Medicina.



ATO MÉDICO | 14

ROBERTO LUIZ D'AVILLA, é cardiologista, médico do trabalho, mestre em neurociências e comportamento, é professor adjunto da Universidade federal de Santa Catarina e Presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM).



CINEMA | 17

ANSELMO MARIANO FONTES é oncologista pediátrico. Membro da Academia Sergipana de Medicina.



DISSECANDO PALAVRAS | 38

MARCOS ALMEIDA é cardiologista. Membro da Academia Sergipana de Medicina e da Academia Sergipana de Letras.



TORRADOS DA TERRA | 39

MARCELO DA SILVA RIBEIRO é otorrinolaringologista e escritor. Membro da Academia Sergipana de Medicina e da Academia Sergipana de Letras. Presidente da Sobrames-SE.

| E MAIS

Política Médica | 26 - 27

Arquivos da História Médica de Sergipe II | 28

A Academia e a celebração do Natal | 33

Agenda do Presidente | 34

Almoçando com a Gente | 35

Centenário de Nascimento de Lourival é Comemorado | 41

Quer ser Colaborador da Revista Someses? Envie seu artigo para o e-mail presidencia@someses.com.br



Petrônio Gomes
Presidente da Somese

Editorial

Encerramos o primeiro ano à frente da Somese com grandes conquistas, apesar dos imensos problemas com os quais nos deparamos. Junto com a excelente equipe de que me cerquei pude realizar grande parte daquilo que propus na campanha. Os 2 anos seguintes servirão para fortalecer mais ainda a nossa entidade septuagenária.

A Somese está mais participativa, ao lado de ações que valorizam o médico e a saúde, como aconteceu no Shopping Jardins, onde estivemos juntos com as sociedades de Cardiologia, Pneumologia e Cancerologia pregando o combate ao fumo. Prestamos apoio ao vereador Emmanuel Nascimento, com seu projeto de lei que proíbe o fumo em logradouros públicos, sancionado esse mês pelo prefeito Edvaldo Nogueira. A Somese é área livre de fumo desde junho desse ano.

Também estivemos ao lado do secretário de saúde, o colega Rogério Carvalho Santos, na campanha contra a dengue. Fruto disso é a queda dos casos de dengue em nosso Estado.

Apoiamos integralmente a abertura do curso de Medicina da UNIT, que vem se somar ao da Federal. É bom frisar que as entidades médicas não são contra a abertura de novos cursos de Medicina, e sim contra a abertura INDISCRIMINADA, o que não é o caso em tela. Infelizmente, ainda há sergipanos que são contra o desenvolvimento de nosso Estado. Não é o nosso caso. Queremos mais cursos superiores, mais indústrias, mais escolas, fábricas, empresas. Que venham mais médicos de outros estados, serão todos bem-vindos, tem campo para trabalho. Médico nunca é demais, em nenhum lugar. Somos totalmente contra a reserva de mercado na Medicina! Medo de concorrência é para os incompetentes, os inábeis, os mal preparados. A extensão do curso de Medicina da UFS é outro exemplo. Não somos contra, desde que seja de excelência, dentro dos novos moldes do MEC.

Trouxemos os estudantes de Medicina para o nosso convívio, apoiando as diversas ligas existentes, como a de Oftalmologia, exemplo para as demais. Estamos também apoiando o Centro Acadêmico de Medicina Dr. Augusto Leite, tendo à frente os Brunos Garcia e o Moura. São valorosos estudantes, ao lado dos que compõem o CAMED e com toda a certeza serão excelentes colegas.

Esse mês a Academia Sergipana de Medicina comemora seu 15º aniversário. Não é somente a Medicina que está de parabéns, mas a sociedade sergipana. Além de um selo comemorativo da data, distribuído nacionalmente, para nosso gáudio, aconteceu o lançamento do Dicionário Biográfico dos Médicos de Sergipe dos séculos XIX e XX. Trata-se de obra invulgar, única no gênero no Brasil, que vem preencher uma grande lacuna de nossa história. É um verdadeiro presente para a sociedade sergipana, feita com imenso carinho pelos autores.

Para finalizar, quero desejar votos de um Natal de paz e harmonia aos nobres e valorosos colegas de profissão, a mais nobre dentre todas, pois trabalhamos com aquela que foi a maior obra de Deus: o ser humano. Que o ano que se avizinha seja repleto de conquistas, com saúde e trabalho. A SOMESE estará sempre ao lado daqueles que prestam os melhores anos de suas vidas ao bem estar do próximo.

E-mail: pagomes@infonet.com.br



A descaracterização da Residência Médica

Há algum tempo a Residência Médica no Brasil vem sofrendo ataques frequentes e equivocados. Membros do próprio governo, alheios ao tema e sem a menor competência técnica para opinar e decidir sobre o mesmo, aventuram-se a sugerir maneiras de aproveitar a Residência Médica para, por exemplo, resolver o problema da falta de profissionais de medicina em áreas remotas e de difícil acesso. São posições oportunistas sobre a formação médica que deveria ser tratada com a máxima seriedade.

Os desvios são inúmeros. A começar pelos interlocutores que ousam abordar o assunto. O posicionamento, neste caso, cabe única e exclusivamente à Comissão Nacional de Residência

Médica do Ministério da Educação. No entanto, a Secretaria de Gestão de Trabalho e Educação na Saúde do Ministério da Saúde invade a área de atuação da CNRM, buscando assumir responsabilidades que não lhe cabem.

“É lamentável o desserviço prestado por aqueles que tentam assumir a competência que é da Comissão Nacional de Residência Médica”

As distorções prosseguem quando

se discute a escassez de programas de residência em Estados do Norte e Nordeste, como se o problema fosse localizado. Mais de 50% dos graduados em medicina não encontram vagas, que deveriam existir em número suficiente para qualificar a todos, uma vez que a residência médica é a melhor forma de treinamento após a graduação.

O que aquela Secretaria busca hoje, infelizmente, não é resolver o problema da má formação médica. É fazer dos residentes mão de obra barata para encobrir certos gargalos da saúde. São gargalos provenientes da falta de plano

de carreira, condições mínimas para o exercício da medicina, do fracasso do Sistema Único de Saúde (SUS), entre outros. Parece que os membros da Secretaria de Gestão de Trabalho e Educação na Saúde do Ministério da Saúde, continuam vendo a medicina pela janela dos gabinetes. Certamente não é assim que se constrói uma medicina melhor, mais segura e de qualidade aos cidadãos.

É lamentável o desserviço prestado por aqueles que tentam assumir a competência que é da Comissão Nacional de Residência Médica. Médicos de qualidade se formam à beira do leito, com preceptoria qualificada e responsável, com experiência clínica, humana e acompanhamento competente. Se houvesse de fato interesse em resolver o problema, uma real contribuição seria, por exemplo, remunerar os preceptores dos vários programas de residência médica.

Como divulgado recentemente pela Secretaria de Gestão de Trabalho e Educação na Saúde do Ministério da Saúde, as 2 mil bolsas de residência médica a serem distribuídas para as regiões de difícil acesso certamente ficarão, quase na sua totalidade, ociosas, a exemplo da experiência verificada há 3 anos. Em 2006, foram disponibilizadas 280 bolsas e apenas 20% delas aproveitadas. Após um ano esse número ainda caiu pela metade.

Então fica inevitável perguntar: por que a necessidade da exposição na mídia de fatos não consumados nesta época específica do ano? A resposta é evidente até mesmo para os mais desinteressados - o pano de fundo é puramente eleitoral.

Antonio Carlos Lopes, presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, ex-secretário executivo da Comissão Nacional de Residência Médica e professor titular da Disciplina de Clínica Médica da Universidade Federal de São Paulo



**Clínica de Repouso
SÃO MARCELLO**

- hospital-dia
- psicoterapia
- terapia ocupacional
- urgência psiquiátrica

Av. Visconde de Maracaju, S/N
Cidade Nova, Aracaju - SE
(79) 3212-4400

Um grande presente de fim de ano,
mas que cabe no seu bolso.



O fim de ano chegou e com ele todos os preparativos para as festas, inclusive a lista de presentes dos familiares e amigos. E o seu presente? Você já pensou nele?...

Então lá vai uma dica da **UNICRED**, a sua cooperativa de crédito: que tal um **carro zerinho** pra fechar o ano com tudo de bom? E não precisa se preocupar com o tamanho de seu bolso porque esse presente cabe direitinho nele.

Consulte o **Atendimento UNICRED Aracaju** e solicite o seu **CRED VEÍCULOS UNICRED***. Com ele você tem à sua disposição as menores taxas do mercado e descontos exclusivos na compra do seu **carro 0 Km**.

Aproveite e faça destas festas de fim de ano as melhores que você já teve, com **um carro novo na garagem**.



Boas Festas!

**sujeito a análise*

UNICRED 

NOVO ENDEREÇO:
Av. Francisco Porto, 45 - Jardins
Aracaju/SE - CEP 49025-230 - Fone: (79) 2106-7191
unicredaju@unicredaju.com.br • www.unicredaju.com.br

SEJA MAIS UM COOPERADO UNICRED. LIGUE: (79) 2106-7191

CÂNCER – UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Promovido pelo Instituto San Giovanni, o simpósio “Câncer: um problema de saúde pública”, ocorrido em 26 de novembro, foi coroado de pleno êxito. Com o auditório da Somese completamente lotado, o evento contou com as ilustres participações do Dr. Roberto Fonseca, Presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia, que proferiu a palestra “Câncer: mitos e realidades”; do Dr. Roberto Gomes, ex-presidente da entidade e professor de oncologia da Universidade Federal do Espírito Santo que falou sobre “A Epidemiologia do Câncer no Brasil” e finalmente do Dr. Carlos Araújo, Presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia e diretor do Serviço de Radioterapia do INCA-RJ, que abordou o tema “Radioterapia no Brasil: uma questão de saúde pública”. Os dados apresentados foram preocupantes. Para 2010 está previsto o surgimento



Dr. William Soares, com os palestrantes convidados e a Sra. Idalina Campos, que foi homenageada.

a pacientes de câncer em Sergipe é muito grande e as pessoas estão com seus tratamentos prejudicados, notadamente na área de radioterapia.

Após a sessão de palestras, o Instituto San Giovanni prestou homenagem especial à Sra. Idalina Martinez Campos, presidente da Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer, instituição fundada em 1964, pioneira na prevenção do câncer ginecológico em Sergipe e que atende hoje mensalmente a 600 mulheres em sua sede à rua

Dom Bosco, 272, em Aracaju. O grupo UTI Riso também foi homenageado, na pessoa da Sra. Fátima Basto. O

grupo existe desde 1999, com ações humanitárias dirigidas aos portadores de câncer internados no Hospital Governador João Alves Filho.

“Para 2010 está previsto o surgimento de quase 500 mil novos casos de câncer na população brasileira”

Terminada a sessão, o Instituto San Giovanni proporcionou confraternização entre visitantes e convidados na Cantina La Vecchia, oportunidade em que os presidentes das entidades nacionais de cancerologia e radioterapia selaram parceria para a realização em conjunto de eventos na área de câncer. De parabéns o Instituto San Giovanni e seu comandante o acadêmico William Soares por esta grande realização.



Dr. William presta homenagem a Fátima Basto, do UTI Riso.

de quase 500 mil novos casos de câncer na população brasileira, de acordo com dados divulgados esta semana pelo INCA. O déficit de atendimento

COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA PSQUIATRIA

Ocorrido no final de novembro, o I COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA PSQUIATRIA EM SERGIPE, reunindo figuras expressivas

Antônio Prado Dias, intitulada “PRECURSORES E PIONEIROS DA PSQUIATRIA EM SERGIPE – O homem, sua vida e contribuição”,

DA ROCHA CERQUEIRA e JORGE CABRAL VIEIRA, por José Hamilton Maciel Silva, da Academia Sergipana de Medicina, GARCIA MORENO, por Francisco Rollemberg, da Academia Sergipana de Letras, HERCÍLIO CRUZ, por Gilvanda Araújo Chagas Cruz, da Associação Sergipana de Psiquiatria, RENATO MAZZE LUCAS, por Antônio Samarone, da Academia Sergipana de Medicina e finalmente EDUARDO VITAL SANTOS MELO, por Marcos Antonio Melo, da Academia Sergipana de Letras.



Déborah, José Hamilton, Paulo Amado e Ibarê

do meio científico e cultural do Estado, revestiu-se de pleno êxito, com três conferências extraordinárias: “Repercussões do 2º Congresso de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste, realizado em 1940, em Aracaju”, proferida pelo historiador Luiz Antônio Barreto, da Academia Sergipana de Letras e diretor do Instituto Tobias Barreto, “O preconceito como estigma da loucura – a psiquiatria ontem, hoje e amanhã”, proferida pelo Dr. André Brasil Ribeiro, da Faculdade de Medicina da Bahia e “O século XIX e os pioneiros estudos sobre psiquiatria e psicologia em Sergipe”, proferida pelo Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, da Academia Sergipana de Letras.

Aconteceu ainda mesa redonda comandada pelo acadêmico Lúcio

onde foram enfocados a vida e a obra de psiquiatras ilustres entre eles LUIZ

O exitoso evento foi encerrado com o desembargador Netônio Machado prestando uma singela homenagem ao Dr. José Hamilton Maciel Silva, realizador do evento, entregando-lhe uma placa em nome da família. No encerramento, ele agradeceu ao apoio das diversas entidades que colaboraram para o sucesso da iniciativa e prometeu para breve a publicação dos anais do evento.



Dr. Hamilton Maciel com os palestrantes e colegas da Academia de Medicina e da Academia de Letras

Unit recebe aval do MEC para ofertar Medicina

O Ministério da Educação acaba de analisar sete pedidos de autorização para cursos de Medicina em todo o país. Seis deles foram indeferidos, nos Estados de São Paulo, Paraná, Goiás, Bahia, Mato Grosso e Amazonas. E apenas um aprovado: o curso de Medicina da Universidade Tiradentes. Um marco histórico para o Estado de Sergipe, e que denota credibilidade, pioneirismo, empreendedorismo e competência, marcas consolidadas pela Unit ao longo dos seus 47 anos.

A autorização se deu pela portaria nº 1.602, do MEC, datada em 9 de novembro de 2009, e a notícia foi anunciada oficialmente em um café da manhã no bloco de pós-graduação do Campus Aracaju Farolândia, pelos professores Jouberto Uchôa de Mendonça, reitor da Universidade Tiradentes; Francisco Prado Reis, um dos idealizadores e coordenador do curso de Medicina, além do senador Almeida Lima, que acompanhou de perto todo o processo para a aprovação

do projeto junto ao Governo Federal. A manhã também foi marcada pelas visitas aos laboratórios e demais instalações do curso.

“A universidade vai oferecer uma saúde de qualidade à população sergipana. Estamos muito felizes com essa aprovação do MEC e para atender todas as exigências do curso fizemos parcerias com a Secretaria de Estado da Saúde, além de clínicas, para que os alunos possam praticar desde o primeiro período. Esta é nossa conquista”, afirmou o professor Jouberto Uchôa de Mendonça.

O curso de Medicina da Unit vai ofertar 50 vagas anuais. E seu primeiro processo seletivo acontece no início de 2010. O curso conta com ampla estrutura que inclui laboratório em Unidades Básicas de Saúde da Família; laboratório Morfo-funcional; laboratório de Habilidades, Salas de Sistemas de Informações para os alunos, entre outros. A metodologia aplicada será ativa de ensino PBL (Problem-Based

Learning) – Aprendizagem Baseada em Problema, desenvolvida na Europa e Estados Unidos, já aplicada em 30 faculdades no Brasil e há mais de 20 anos em universidades como Harvard, nos Estados Unidos, e MacMaster, no Canadá.

“Durante seis meses, preparamos 55 professores para ministrar as aulas para o curso. Os alunos vão poder ter aulas supervisionadas a partir do primeiro período, vamos contar com o sistema de PBL, em que clínicas, hospitais e postos de saúde serão utilizados. Além disso, os nossos laboratórios estão prontos para atender a todos os alunos”, afirma o professor Francisco Prado Reis.

“A Universidade Tiradentes identificou a necessidade e a relevância social que seria a implantação do curso de Medicina para a cidade de Aracaju e para o Estado de Sergipe. E sempre de forma pioneira, mas também prudente, a Unit elaborou um projeto que viesse atender de fato àquilo que existe de melhor na formação de um profissional de saúde, depois de consolidar por 15 anos outros cursos na área, dentre os quais os de Odontologia e Biomedicina, que possuem nota máxima pela avaliação do MEC”, ressalta o professor Ihanmarck Damasceno, pró-reitor acadêmico da instituição.

CONQUISTA PARA SERGIPE

Para quem se debruçou no projeto do curso desde o início, como é o caso dos diretores da área de Saúde, os doutores Hesmoney Santa Rosa e Marília Uchôa, a aprovação do MEC é a realização de um sonho. “Representa uma conquista de todos e a coroação de um trabalho que vem sendo desenvolvido há muito tempo. O curso é inovador, com um formato diferente, estamos preparando profissionais e vamos fazer o possível e



Equipe da Unit recebeu apoio da SOMESE



Após anúncio da autorização do curso, a imprensa visitou as instalações físicas, onde as aulas serão ministradas.

“Nós temos outra faculdade de Medicina, só que tudo que envolve dinheiro público é mais dificultoso. Para se ter uma ideia, a Universidade Federal de Sergipe não tem uma cadeira de Oncologia até hoje. Depois de quase 50 anos, nenhum sergipano saiu da faculdade sabendo câncer. Esse novo modelo da Universidade

apoiar a iniciativa e foi parceira desde o início”, afirma o presidente da Somese, Petrônio Gomes.

MÉDICOS PARA SERGIPE

De acordo com o pró-reitor administrativo da Universidade Tiradentes, Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior, o curso de Medicina da Unit representa um diferencial não só para a instituição, como para a Saúde do Estado. “Há uma carência de médicos e nós não só estamos felizes em poder contribuir para esta melhoria social, como sabemos que agora a nossa responsabilidade dobra, com toda a nuance que envolve a formação destes profissionais que lidam com a vida. O reconhecimento não é só do curso, mas da instituição que mais uma vez mostra sua credibilidade. Aí estão os tantos outros cursos indeferidos, em diversos estados, que não nos deixam mentir”, diz.

o impossível para atender aos anseios da população, dos professores, dos alunos que aqui virão”, diz doutora Marília.

“De fato esta já era uma cobrança antiga da sociedade sergipana e até mesmo de outras comissões do Ministério da Educação que por aqui passaram. Os avaliadores sempre se encantavam com a nossa estrutura e questionavam por que não abríamos o curso de Medicina. Mas nós preferimos aguardar o momento certo, consolidar a base da saúde com outros cursos e o resultado é este. Estamos muito felizes”, comenta o doutor Hesmoney Santa Rosa.

Representantes da classe médica também comemoraram a aprovação.



O anúncio foi feito para a imprensa no auditório do bloco que receberá o novo curso

isso aí, é uma conquista importante para os futuros médicos do Estado e a Sociedade Médica de Sergipe

O senador Almeida Lima corrobora com as palavras do pró-reitor. “Veja você que em Aracaju, por exemplo, sem me estender para o interior, a carência de pediatras é muito grande. Portanto, a aprovação do curso de Medicina da Unit é um ganho inestimável para Sergipe, e eu tenho certeza de que a universidade está mais do que pronta para fazer deste Estado um polo de referência da Saúde para o Brasil”, afirma o senador.



CLÍNICA INTEGRADA
HOMO

Sistema da Qualidade Certificado ISO 9001

Rua Campo do Brito, 1056 - Bairro São José
CEP 49015-460 - Aracaju / SE - Tel.: (79) 2106-7100
homo@clinicahomo.com.br - www.clinicahomo.com.br

17
Anos

*Soluções com paixão
com qualidade
desde 1992.*



SERVIÇOS

- ❑ Laboratório de Análises Clínicas
- ❑ Ultra-Sonografia
- ❑ Duplex Scan Vascular
- ❑ Dopplerfluxometria
- ❑ Ecocardiografia
- ❑ Eletrocardiograma - ECG
- ❑ Teste Ergométrico
- ❑ Holter
- ❑ M.A.P.A.
- ❑ Densitometria Óssea
- ❑ Mamografia Digital com Esterotaxia
- ❑ Colposcopia
- ❑ Colpocitologia
- ❑ Provas de Função Respiratória
- ❑ Vídeo-Endoscopia Digestiva

ESPECIALIDADES

- ❑ Acupuntura
- ❑ Alergia - Imunologia
- ❑ Angiologia
- ❑ Cardiologia
- ❑ Cirurgia do Aparelho Digestivo
- ❑ Cirurgia Geral
- ❑ Cirurgia Pediátrica
- ❑ Cirurgia Plástica
- ❑ Cirurgia Vascular
- ❑ Clínica Médica
- ❑ Coloproctologia
- ❑ Dermatologia
- ❑ Ginecologia
- ❑ Infectologia
- ❑ Mastologia
- ❑ Medicina do Trabalho
- ❑ Neurologia
- ❑ Nutrição
- ❑ Obstetrícia
- ❑ Pediatria
- ❑ Psicologia
- ❑ Reumatologia
- ❑ Urologia



Estudantes de Medicina X Lei dos Estágios

Sabe-se que para ser médico, além dos estudos teóricos, das práticas em laboratórios e ambulatórios, os jovens devem ter a oportunidade de fazer estágios para que o seu treinamento possa evoluir de forma satisfatória.

Seis anos de um curso de Medicina não fazem um médico. Os jovens graduandos saem muito inseguros para o mercado de trabalho. Quando têm a sorte de serem aprovados nas residências médicas, têm, simultaneamente, a garantia de mais treinamento para o exercício futuro da profissão, por pelo menos mais dois anos.

O contrário os expõe ao trabalho precoce, geralmente no Programa Saúde da Família, onde eles temem a prática cotidiana e seus temores são aplacados, geralmente, pelos enfermeiros experientes que os acolhem, orientam e acalmam.

A medicina requer prática e para isso é absolutamente necessário o estágio, pois o tempo de internato, que é o estágio obrigatório na grade curricular, é de apenas um ano e meio. Um tempo muito curto.

Paralelo aos estágios obrigatórios, até um ano atrás, cada estudante, por risco e conta própria, buscava médicos conhecidos e propunha acompanhá-los nas suas áreas de atuação, participando com estes das atividades ambulatoriais, das cirurgias e demais procedimentos, em um estágio informal e simultâneo aos estágios oficiais e muitas vezes durante todo o período de graduação, agindo assim, à revelia de uma proteção legal.

Registre-se que esses estágios paralelos sempre foram, basicamente, o treinamento principal desses futuros médicos.

Por serem absolutamente voluntários e comprometidos com o aprendizado, geralmente os alunos se dedicavam com afinco para complementar a sua formação, inclusive como uma forma de corresponder à confiança do médico que se dispunha a orientá-lo e não decepcioná-lo, dando-lhe a gratificação de um esforço que gerava aprendizado, numa relação genuína de respeito, gratidão e compromisso ético. Todavia, com a edição da Lei nº 11.788 de 25 de setembro

de 2008, que dispõe sobre estágios de estudantes, novos fatos se põem na contaminação da formação médica.

Compreende-se que a supracitada Lei favorece estagiários de outros cursos, evitando que sejam usados como mão de obra barata por empresários inescrupulosos, entretanto ela deve ser aplicada de acordo com circunstâncias específicas e não de forma indiscriminada para todo e qualquer processo de formação.

Médicos que simpaticamente abriam as portas para os alunos nos seus serviços e generosamente ensinavam o que sabiam enquanto atendiam os pacientes nos seus plantões e até permitiam que os estudantes entrassem nos centros cirúrgicos, já não os recebem mais por temer que suas presenças lhes tragam complicações de ordem trabalhista ou civil.

O estágio é definido na Lei como ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho e que visa à preparação do jovem. Legalmente, de agora em diante, se um jovem desejar fazer um estágio não obrigatório, enquanto atividade opcional, deve fazer com que o médico ou o serviço que aceite recebê-lo, celebre um termo de compromisso com ele e com a instituição de ensino.

O estágio paralelo deve ser comprovado por vistos nos relatórios que deverão ser redigidos e apresentados às escolas. Será mais uma agenda para o médico que se transforma em professor voluntário.

A Lei é clara quando diz que as pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior, devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, podem oferecer estágio, desde que contratem em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado.

No artigo 12 da mesma Lei, reza que o estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-

transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

E o mais importante é que se o estágio for realizado sem esses cuidados, caracterizar-se-á como um descumprimento legal e será considerado para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária, como vínculo de emprego entre o aluno, estudante de Medicina, e o médico ou serviço que concedeu o treinamento. Um pesadelo para aquele médico que foi abordado e demandado para ajudar um estudante que queria acompanhá-lo.

Parece paradoxal. Se a intenção era proteger estagiários, quero crer que os estagiários de Medicina ficarão doravante desprotegidos. Leia-se: sem treinamentos, sem estágios, sem prática. Qual o médico que vai se dar ao trabalho de procurar a Universidade para com ela firmar um acordo, pelo qual nada receberá, e que pelo contrário, lhe trará mais trabalho e ônus?

A título de que este médico daria assistência a um aluno que não é seu e que ele voluntariamente recebia como pupilo e ajudava no seu treinamento, tendo que redigir relatórios de acompanhamentos, adquirir seguro contra acidentes para o aluno, oferecer bolsa e auxílio transporte, e no recesso garantir que os benefícios também seriam pagos?

Este médico, dublê de professor, era generoso e altruísta pois recebia o aluno por entender que ensinar fosse uma forma privilegiada de aprender; ou ainda, uma maneira de se forçar a permanentes atualizações - tarefa rotineira e obrigatória para um médico. Inclusive, para não se sentir obsoleto e ultrapassado e continuar estudando para responder aos desafios lançados pela curiosidade de um jovem estudante.

Porém, diante de tantas exigências para se fazer um bem, este médico orientador desapareceu. Não há porque julgá-lo. Definitivamente a fase dos estágios voluntários feneceu.

Moral da história: se graduandos em Medicina já tinham uma formação capenga, hoje, o prejuízo será maior ainda, pois, com razão, médicos fogem de estudantes. A conta para os profissionais que antes ofereciam estágios tornou-se alta. Os estudantes pagam o prejuízo.



114 Anos da Descoberta dos Raios - X

Nascido na região do Reno e criado na Holanda, Röntgen deveria seguir a carreira da sua família e tornar-se um próspero fabricante e comerciante de têxteis. Contudo, sua sede de saber o impeliu para o estudo universitário, apesar de todas as adversidades. O ginásio de Utrecht, onde tinha estudado com brilhantismo, lhe negou a “maturidade” ou diploma. Acusado de ter rabiscado uma caricatura de um professor sobre a estufa da sala de aula, ele não quis inocentar-se denunciando o verdadeiro autor da “ofensa” e foi prontamente expulso do ginásio. Este fato fechou-lhe o caminho regular às universidades. Posteriormente, foi aceito pela Escola Politécnica de Zurique, mais liberal, que aceitava alunos após severo exame “vestibular”.

Tal exame foi dispensado no caso de Röntgen, considerando-se as boas notas que ele havia conseguido em Utrecht. Em 1868 forma-se em Engenharia Mecânica, em Zurique e, logo em 1869, defende memorável tese sobre problemas de termodinâmica recebendo o seu doutorado. Mesmo assim, a Universidade de Wurzburg, onde foi trabalhar como assistente do físico experimental Prof. Kundt, viu-se forçada a negar-lhe a habilitação, por falta da “maturidade” ou diploma ginásial já citado.

Habilitado pela Universidade de Estrasburgo (cujo novo Instituto de Física era de vanguarda) e após brilhante carreira em várias outras universidades da Alemanha, W. Roentgen recebe em 1888 o honroso convite da Universidade de Wurzburg para ocupar o cargo de Professor Titular da Cadeira de Física. Em 1849 é eleito Reitor dessa Universidade, onde em 8 de novembro de 1895, descobre os raios X (na Alema-

nha, ainda hoje, chamados de Röntgen) e sobre os quais, nesse mesmo ano, publica sua célebre comunicação preliminar: “Sobre um novo tipo de raios” (Wilhelm Conrad Röntgen: Über eine neue Art von Strahlen. In: Sitzungsberichte der Würzburger Physik.-Medic.-Gesellschaft. 1898).



W. Roentgen

Deve ser assinalado que a tremenda repercussão da descoberta dos raios X, que lhe angariou merecida fama e reconhecimento mundiais e lhe valeu em 1901 o primeiro Prêmio Nobel em Física, obscureceu de certo modo o extraordinário significado de seus demais trabalhos científicos. Fica pouco lembrado que seu profundo conhecimento de Física, aliado a sua habilidade ímpar como experimentador o tinham tornado um dos melhores (se não o melhor) dos físicos experimentais da sua época, que foi a época de HERTZ, LORENTZ, MICHELSON, KIRCHHOFF, BUNSEN, HELMHOLTZ, MAYER, JOULE, CROOKES e tantos outros. Os seus trabalhos abrangeram, por exemplo, o calor específico dos gases,

a condutividade térmica dos cristais, as características elétricas do quartzo, a influência da pressão alta sobre os índices de refração de fluidos, a influência da pressão alta e temperatura baixa sobre o atrito interno da água e a influência de campos eletromagnéticos sobre os planos da luz polarizada. As suas experiências sobre “O comportamento de dielétricos em um campo elétrico” (encontrando a “corrente de Röntgen” como Poincaré a chamou ou efeito eletromagnético da polarização dielétrica) comprovaram o acerto de uma das previsões da teoria da eletricidade de Maxwell, e além de por si só já terem sido merecedoras de um prêmio Nobel. Outros trabalhos seus lançaram importantes fundamentos da teoria eletrônica (LORENTZ) e até da relatividade (EINSTEIN).

Deste modo, a descoberta dos raios X por Röntgen não foi tão fortuita assim. Goodspeed e Jennings, na Filadélfia, ao fazerem experiências com raios catódicos, depararam-se já em 1889, com uma “fotografia misteriosa” de duas moedas, sem atinar a origem daquela novidade. Röntgen, embora somente três das suas 60 publicações científicas se refiram aos raios X, ao deparar-se com o fenômeno, estudou-o, como de hábito, tão exaustivamente, que somente mais de um decênio depois outros físicos conseguiram detectar uma novidade ligada aos raios X: imagens de interferência elucidando a estrutura de cristais, que comprovaram a natureza ondulatória do raios X (LAUE, FRIEDRICH, KNIPPING, 1912).

Em 1923, aos quase 78 anos de idade, faleceu Wilhelm Conrad Roentgen de carcinoma intestinal, tendo ainda, aos 76 anos, publicado extenso escrito sobre a condutividade elétrica de cristais.



A Regulamentação da Medicina

O congresso está a um passo de aprovar uma lei que representa uma conquista para a saúde no Brasil. Após ser aprovada com 292 votos favoráveis pela Câmara, seguiu para apreciação do Senado a proposta que regulamenta o exercício da medicina no país.

Apesar da aparente obviedade sobre qual o papel dos 344.034 médicos na assistência à população brasileira, o projeto de lei 7.703/2006 preenche uma lacuna importante ao definir de forma clara e objetiva os atos privativos desses profissionais e aqueles que podem ser compartilhados com as outras 13 categorias vinculadas ao campo da saúde.

O texto não elimina os avanços alcançados pela multidisciplinariedade da atenção em saúde. Pelo contrário, valoriza o espaço de enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, biólogos, biomédicos, farmacêuticos, fonoaudiólogos, profissionais de educação física, terapeutas ocupacionais e técnicos e tecnólogos de radiologia, entre outros, ao ressaltar o que as regulamentações de cada uma dessas categorias já fizeram quando definiram o escopo de suas atuações.

O projeto de lei não impede que todos esses profissionais participem ativamente das ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e da reabilitação dos enfermos e pessoas que vivem com deficiências.

Na verdade, ele estimula a mútua colaboração entre todos os profissionais da saúde dentro de suas respectivas competências, com o objetivo único de garantir o bem estar individual e coletivo dos cidadãos.

Mas o projeto vai além e assegura algo a que todo brasileiro deve ter direito: a garantia de que o diagnóstico

de seu problema de saúde e de que o tratamento para enfrentá-lo, assim como a realização de procedimentos invasivos capazes de gerar risco de vida, sejam realizados por um médico devidamente capacitado, avaliado e fiscalizado por instâncias de controle profissional, como os 28 conselhos federal e regionais de medicina, além das associações e sociedades médicas.

“O Congresso Nacional está a um passo de aprovar uma lei que representa uma conquista para a saúde no Brasil”

A confirmação dessa conquista pelo Senado, prevista para as próximas semanas, consolidará o senso comum e a jurisprudência existente sobre o assunto, aprovadas pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) e pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Quando adoecemos, queremos ser atendidos por médicos. Quando nossos filhos, pais e irmãos adoecem, queremos que um médico investigue as causas do problema, faça o diagnóstico e oriente sobre o que fazer.

Com a ampliação e a especialização dos diferentes campos do conhecimento, é claro que outros profissionais podem participar na recuperação da saúde dos pacientes. Porém, cabe ao médico o diagnóstico e o tratamento das doenças, principalmente em razão de sua formação profissional e pela credibilidade e confiança atribuídas a ele pelos pacientes.

A população passa ser a grande

beneficiada com a mudança, pois contará com uma linha de cuidados integral e articulada dentro de princípios de competência e responsabilidade.

Isso trará maior segurança e proteção aos pacientes ao contribuir para evitar distorções que colocam a vida e o bem estar de todos em risco.

As recomendações e as prescrições passarão a ser implementadas segundo critérios rígidos e científicos que asseguram que o indivíduo será avaliado de forma holística, integral, e não apenas em função de sinais e sintomas que nem sempre refletem a real dimensão de uma doença ou um agravo de saúde.

Por outro lado, a legislação será também um instrumento de aperfeiçoamento do próprio Sistema Único de Saúde (SUS), ao exigir que os gestores, em todas as esferas (federal, estadual e municipal), contem com médicos em suas equipes.

Essa é uma maneira de enfrentar a iniquidade do acesso à saúde no país, evitando que só recebam a orientação de profissionais da medicina quem tiver recursos para pagar uma consulta ou um plano privado de saúde.

A sociedade aguarda por essa mudança, que não pode demorar mais. A regulamentação do exercício da medicina não prejudica categorias profissionais nem cerceia direitos. Na realidade, ela cumpre a função de tornar cristalino o espectro das responsabilidades e das competências da atividade médica, fundamental para o cuidado da saúde do ser humano.

O tema, que está sobre a mesa dos senadores, é urgente e imprescindível para transformar o que existe de fato também em um direito. A saúde do Brasil espera por isso.



Sucesso

é ter a primeira etapa
100% vendida no pré-lançamento.

Oportunidade

é saber que a segunda etapa
já está a venda.



50 itens
de lazer

É diversão em
todos os sentidos.



120M², 98M² E 76M²

A 200 METROS DA PRAIA

INFORMAÇÕES:

VENDAS:

REALIZAÇÃO:



3223.2508
www.cosil.com.br



Cosil
Acima de tudo, você.



Dr. Rodrigues Dória

Comemoramos este ano o sesquicentenário de nascimento do Doutor José Rodrigues da Costa Dória, Governador de Sergipe (1908 – 1912), médico formado em 1882, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, sergipano de Propriá. Exerceu a clínica na cidade de Laranjeiras por dois anos, quando retornou a capital baiana a fim de concorrer ao lugar de adjunto à cadeira de medicina legal e toxicologia. Aprovado em primeiro lugar, foi nomeado, por decreto imperial de 28 de novembro do mesmo ano.

Logo em seguida prestou concurso para a cadeira de patologia médica. Com a criação da Faculdade Livre de Direito, Dória foi indicado para exercer a cadeira de medicina Legal. Em seis de setembro de 1892 foi nomeado lente catedrático da cadeira de botânica e zoologia médicas, hoje história natural médica, e em 1895 foi eleito conselheiro municipal da capital baiana, lugar que exerceu até 1899.

Em 30 de dezembro de 1897 foi eleito deputado federal por Sergipe, que por quatro legislaturas lhe renovou o mandato. Mesmo já falecido, o grupo do Monsenhor Olímpio Campos continuava hegemônico no Estado, e apresentou como candidato a Governador para o pleito de 1908, o Dr. Rodrigues Dória. Eleito sem competidor, tomou posse em 24 de outubro do mesmo ano. O seu Vice foi outro médico, o Dr. Batista Itajay.

Como Governador, fez uma administração diferente, pouco

voltada para a politicagem local, e evitada de decisões e atitudes inusitadas. Uma decisão que, mesmo na época, chamou a atenção, foi sobre um pedido de licença gestação de uma professora da rede pública de ensino. Eis a petição:

“Isabel Giudice Lima, abaixo firmada, professora pública do povoado Terra Vermelha (Itabaiana), achando-se em estado interessante, bem adiantado, no tempo necessário para o parto, vistos os sintomas, e não podendo continuar no exercício da cadeira, requer a Vossa Excelência uma licença de noventa dias para a competente dieta, de acordo com o regulamento”. PS - Deixo de juntar o atestado preciso por não ter um médico nesta cidade”.



Dr. Rodrigues Dória

Despacho de Rodrigues Dória:

“Concedo a licença requerida sem vencimento algum, visto não

constituir moléstia o estado em que se encontra a suplicante, e nem constituir situação independente de sua vontade”.

Por posturas dessa natureza, o mundo da política nunca absorveu o Doutor com naturalidade. Entretanto, Dr. Rodrigues Dória teve uma carreira luminosa, principalmente na academia. Publicou uma centena de trabalhos, com predominância para a área de medicina legal, chamando a atenção para os seus escritos sobre a “maconha”, estudos que continuam atuais, e ainda servem de referência para quem se debruça sobre o tema.

Sua grande versatilidade intelectual permitiu, por exemplo, que se dedicasse a publicar estudos sobre temas os mais variados e complexos, como por exemplo: a sanidade mental de Hamlet, célebre personagem deu o nome à tragédia escrita por William Shakespeare, traumatismos morais e o Código Penal, a idade e o sexo em matéria criminal, afinidades patológicas entre o reumatismo, a gota e o diabetes, o segredo da longevidade, a calvície, eutanásia, toxina e crime, envenenamento e veneno, a mandrágora, infanticídio, regulamentação do meretrício, e coroando com o seu grande clássico – Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício.

Essa inteligência fulgurante, de comportamento esquisito, levou uma vida solitária, nunca tendo constituído família e, certamente, dado as dificuldades e os preconceitos daquele período histórico, nunca tenha assumido publicamente suas preferências sexuais. falecido em 14 de fevereiro de 1938, aos 79 anos, em Salvador.



QUASE DEUSES

Em Nashville (EUA) na década de 30, Vivien Thomas, (que tinha um nome feminino, pois sua mãe esperava ter uma menina, e quando ele nasceu permaneceu o nome) exerce a função de carpinteiro, poupando suas economias para se formar em Medicina. Quando os EUA são acometidos pela Depressão, ele perde o emprego e todas suas economias. Consegue trabalho em um hospital como faxineiro, a conhecendo então o Dr Blalock, um pesquisador conceituado e ambicioso, que nota a sua inteligência., o colocando como seu assistente.

Quando Blalock alcança o cargo de cirurgião-chefe na Universidade Johns Hopkins, os dois começam a trabalhar juntos em uma pesquisa, uma nova técnica de cirurgia cardíaca em crianças, ficando o reconhecimento da pesquisa na maioria das vezes com o médico, permanecendo seu ajudante na obscuridade, pois o mesmo era negro. Persistem nesse embate, embora um precisasse do outro, (e é bom frisar que foi Vivien fazendo experimentos com cães, que desenvolveu a técnica da cirurgia) até que Vivien tem seu trabalho valorizado, ganhando um lugar na galeria de honra do hospital como Doutor Honoris Causa. Atenção no

final do filme, quando aparecem os verdadeiros personagens.

O filme produzido pela HBO, tendo como locação Baltimore, Maryland/EUA, conta a história real de Vivian Thomas, falecido em 1985, abordando o tema racismo. Recebeu duas indicações ao Globo de Ouro por melhor ator (Mos Def), e melhor filme feito para TV. Ganhou três prêmios Emmy como melhor filme, fotografia e edição. Foi um dos últimos trabalhos do diretor Joseph Sargent (Tubarão, a vingança-1987) para o cinema. Um filme sensível, com boas atuações de Alan Rickman e Mos Def (a química entre os dois é perfeita). Paralelo a história, tem o drama familiar vivido por Vivien e suas esposas, onde no início de seu trabalho não tinha dinheiro nem para pagar o aluguel da casa.

“Recebeu duas indicações ao Globo de Ouro por melhor ator (Mos Def), e melhor filme feito para TV”

Título original – Something the Lord Made

País - EUA

Ano - 2004

Duração - 110'

Gênero - drama

Diretor - Joseph Sargent

ELENCO

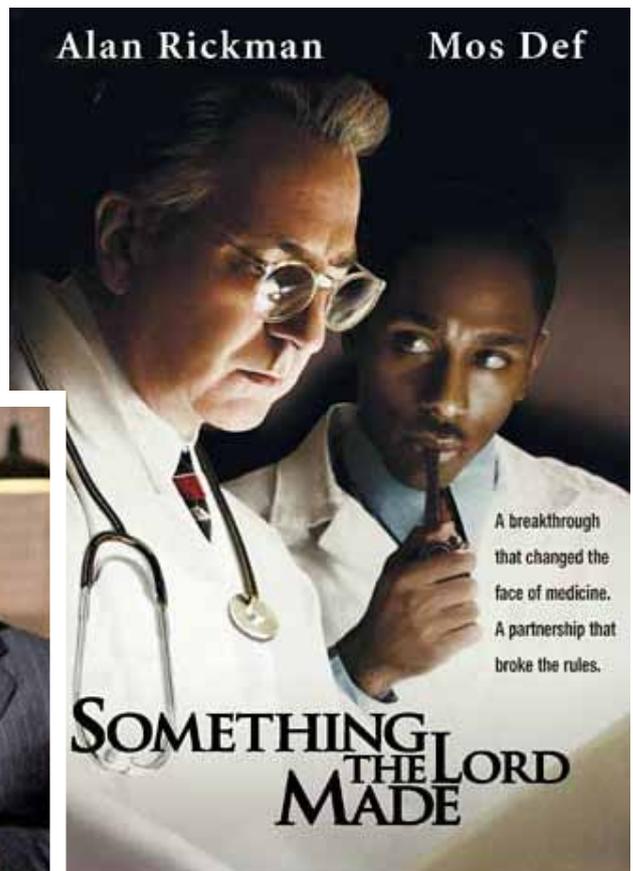
Alan Rickman – Dr Alfred Blalock

Mos Def – Vivien Thomas

Mary Stuart Masterson – Dr Helen Taussig

Helen Taussig

Kyra Sedgwick – Mary Blalock



© 2004 Home Box Office, Inc. All rights reserved. HBO® is a service mark of Home Box Office, Inc. HBO VIDEO

Após sete anos tramitando no Congresso Nacional, o Projeto de Lei 7703/06, que regulamenta o exercício da profissão médica, finalmente foi votado e aprovado pela Câmara dos Deputados em 21 de outubro passado. O texto define as atividades privativas dos médicos, preservando o direito das demais profissões de saúde.

O projeto, que tramitava em regime de urgência, foi colocado em pauta após acordo do presidente da Câmara, Michel Temer, com líderes partidários obtendo acordo para votação de duas medidas provisórias que trancavam a pauta. O relatório aprovado foi de autoria do médico Eleuses Paiva (DEM-SP), que teve um papel importantíssimo, costurando acordos, agilizando as tramitações do projeto e teve a ajuda do deputado Ronaldo Caiado (DEM-SP). Vale ressaltar ainda o esforço do deputado federal Eduardo Amorim (PSC-SE), médico sergipano que desde o primeiro instante se colocou à disposição da classe

para intermediar as negociações. Os deputados federais de Sergipe votaram a favor do projeto, com exceção do deputado Iran Barbosa, que foi o único a votar contra.

Durante a sessão, aconteceu votação na tentativa de retirar da lista de atos privativos dos médicos o procedimento de diagnóstico citopatológico. Por maioria de votos o plenário rejeitou: 269 a 92 e seis abstenções.

“Preenchemos uma lacuna importante, já que a medicina era a única profissão não regulamentada entre as outras 14 ligadas ao setor de saúde”, afirmou Eleuses Paiva, ex-presidente da AMB e deputado federal (DEM-SP), após a votação.

Até o fechamento desta edição, o projeto encontrava-se no Senado e os senadores iriam votá-lo novamente, porém sem fazer emendas. Em aprovado, o projeto segue para sanção presidencial.

ENQUETE

A Agência Senado está promovendo uma enquete sobre a regulamentação da medicina. A

pergunta “Você é a favor ou contra a regulamentação do exercício da medicina nos termos do projeto PLS 268/02?” ficará no ar até o fim de dezembro e pode ser acessada na página principal da Agência (<http://www.senado.gov.br/agencia/default.aspx?mob=0>)

Até o fechamento desta edição (em 13 de dezembro de 2009, às 11:30 horas) o resultado era o seguinte:

Você é a favor ou contra a regulamentação do exercício da medicina nos termos do projeto PLS 268/02 (Ato Médico)?

- a favor - 50,72%
- contra - 49,28%

Total de Votos: 225.108

Precisamos mostrar a força da classe médica neste momento. É fundamental que todo médico vote e que peça à família, aos amigos e aos clientes que também se manifestem favoravelmente. Afinal estamos lutando por uma justa regulamentação da Medicina que vai trazer mais segurança para a população como um todo.

A VERDADE SOBRE A “LEI DO ATO MÉDICO”

Alguns profissionais que trabalham na área de saúde mostram-se inconformados com a aprovação da Lei da Medicina. Dizem que, a partir de agora, só poderão exercer suas atividades se estiverem “subordinados” aos médicos. Isto não é verdade, porque os parágrafos 6 e 7 do art. 4º da nova Lei GARANTE o RESPEITO às



DO ATO MÉDICO

atividades dos outros 13 profissionais de saúde, desde que previstas em suas respectivas leis. Vejamos o que dizem estes parágrafos:

§ 6º O disposto neste artigo não se aplica ao exercício da Odontologia, no âmbito de sua área de atuação.

§ 7º São resguardadas as competências específicas das profissões de assistente social, biólogo, biomédico, enfermeiro, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista, profissional de educação física, psicólogo, terapeuta ocupacional e técnico e tecnólogo de radiologia e outras que venham a ser regulamentadas

Os textos são claros, não deixam margem à dúvida sobre o respeito às profissões regulamentadas.

Outros atacam o projeto de lei dizendo que ele “restringe” as atividades das outras profissões, o que também não é verdade. O parágrafo 5 do mesmo art. 4º mostra que vários procedimentos – como aplicação de injeções, passagem de sondas, curativos, realização de exames, entre outros – NÃO SÃO exclusivos de médicos, podendo ser realizados por outros profissionais. Senão, vejamos:

§ 5º Excetua-se do rol de atividades privativas do médico:

I – aplicação de injeções subcutâneas, intradérmicas, intramusculares e intravenosas, de acordo com a prescrição médica;

II – cateterização nasofaríngea, orotraqueal, esofágica, gástrica, enteral, anal, vesical, e venosa periférica, de acordo com a prescrição médica;

III – aspiração nasofaríngea ou

orotraqueal;

IV – punções venosa e arterial periféricas, de acordo com a prescrição médica;

V – realização de curativo com desbridamento até o limite do tecido subcutâneo, sem a necessidade de tratamento cirúrgico;

VI – atendimento à pessoa sob risco de morte iminente;

VII – a realização dos exames citopatológicos e seus respectivos laudos;

VIII – a coleta de material biológico para realização de análises clínico-laboratoriais;

IX – os procedimentos realizados através de orifícios naturais em estruturas anatômicas visando a recuperação físico-funcional e não comprometendo a estrutura celular e tecidual.

Em relação à falsa polêmica sobre a exclusividade do diagnóstico, a nova Lei estabelece como privativo do médico o diagnóstico de doenças e não qualquer tipo de diagnóstico. O parágrafo 2 do Art. 4º é também claro ao estabelecer que:

§ 2º Não são privativos dos médicos os diagnósticos psicológico, nutricional e socioambiental e as avaliações comportamental e das capacidades mental, sensorial, perceptocognitiva e psicomotora.

Também é preciso deixar claro que a nova Lei NÃO “desestabiliza” o SUS, e ainda cuida de fortalecer o trabalho EM EQUIPE na área da saúde. É o que garante o seu art.3º:

Art. 3º O médico integrante da equipe de saúde que assiste o indivíduo ou a coletividade atuará em mútua colaboração com os demais profissionais de saúde que a

compõem.

Ao relacionar o que NÃO É EXCLUSIVO do médico, a Lei garante a liberdade de atuação dos demais profissionais de saúde.

O PL que regulamenta a Medicina define basicamente as atribuições exclusivas do médico: diagnosticar doenças e prescrever o tratamento do paciente. Diz que cabe exclusivamente ao médico internar e dar alta aos pacientes em hospitais, bem como atestar as condições de saúde e/ou de doença das pessoas. E que o médico é também o único profissional responsável por emitir o atestado de óbito.

Nada de novo. O projeto de lei simplesmente aprova o que a sociedade já sabe e espera dos médicos.

Não custa lembrar que a Lei que está sendo aprovada agora regulamenta a mais antiga das profissões da área da saúde – a Medicina –, a única que não havia sido regulamentada até agora. Todas as outras profissões já têm suas leis, definindo as atribuições de cada profissional.

Com a regulamentação da Medicina ficará claro – em Lei – as atribuições dos médicos, as coisas que só eles fazem e que só eles estão preparados para fazer. Isto não só impedirá que outras pessoas exerçam atividades típicas dos médicos, como também exigirá dos próprios médicos maior responsabilidade na execução de suas funções.

Não restam dúvidas: quem mais se beneficiará com a aprovação da Lei será a sociedade brasileira, principalmente os segmentos menos favorecidos.

JOSÉ HAMILTON MACIEL SILVA

“DEDICO-ME AO QUE FAÇO COM DETERMINAÇÃO E TENACIDADE”

Revista Somese - Professor José Hamilton, é uma honra muito grande entrevistá-lo para a revista, saber mais sobre a sua história, sua vida e realizações. Sabemos que você veio do vizinho estado de Alagoas...

José Hamilton - Nasci em 22 de outubro de 1940, em plena Segunda Guerra, na cidade de Pão de Açúcar, que fica às margens do rio São Francisco. Sou o primogênito e meus pais tiveram mais nove filhos, quase todos nascidos em Pão de Açúcar, somente uma que nasceu em Maceió.

Revista Somese - O que seus pais faziam?

José Hamilton - Meu pai era funcionário público estadual e trabalhava na área de saúde em Pão de Açúcar. Minha mãe era do lar, não tinha outra atividade fora de casa. Nasci em casa com a ajuda de uma parteira. Na época tiveram de contratar uma “mãe de leite” para me amamentar, já que minha mãe não produzia leite suficiente e até porque fora acometida

de febre tifóide.

Revista Somese - Tem alguma coisa que tenha marcado a sua infância em Pão de Açúcar? A primeira professora...

José Hamilton - A vida na cidade era muito saudável. Possuíamos muitos amigos e não havia distinção entre pobres e ricos, não fazíamos muita distinção entre os de menores e maiores recursos. Todos estudavam no mesmo grupo escolar. A minha primeira professora chamava-se Ancila e era de Penedo. Nutro por ela e por todos os meus mestres um grande respeito e admiração. O Rio São Francisco, o Cristo Redentor no morro do Cavalete, a Pedra da Paciência, as festas religiosas, os carnavais, as micaremes e tantos outros lugares, povoam a minha mente e me deixam saudades...

Revista Somese - Pão de Açúcar é uma cidade ribeirinha. Você tomava muito banho de rio?

José Hamilton - O rio era imponente, não é como está hoje. Mataram o rio. Hoje com dez braçadas à nado você atravessa para o outro lado do rio, diferente de antigamente que poucos se atreviam a atravessá-lo, e os que tentavam teriam que se lançar lá pelo morro do Cristo do lado alagoano e só iam sair muito longe, muito abaixo do povoado Niteroi do lado sergipano, devido à correnteza. Quando ocorriam as enchentes de fim ou começo de ano, Pão de Açúcar quase se transformava numa ilha; depois o rio baixava com a saída das águas e só ficavam as lagoas de peixes. Quase todos os anos isso acontecia. Os banhos no caudaloso rio eram muito

comuns de todos nós ribeirinhos.

Revista Somese - Você morou em Pão de Açúcar até que idade?

José Hamilton - Até os onze ou doze anos onde fiz o primário no Grupo Escolar Bráulio Cavalcante; fiz admissão no Ginásio Dom Antônio Brandão, mas no segundo ano já fui estudar em Maceió no Colégio Guido de Fontgalland. Na mesma época meu pai fora transferido para Maceió recusando-se a ser incluído no antigo SESP

Revista Somese - E o que você achou da mudança? Ficou com saudade da cidade?

José Hamilton - Eu sempre fui ligado à minha terra natal. Saí de Pão de Açúcar, mas nunca me desliguei de lá. Tanto é que, mesmo estudando em Maceió, nas férias, voltava e atuava em muitas frentes, inclusive juntamente a alguns companheiros, fundamos a Biblioteca Pública Rachel de Queiroz, a criação de um Jornal e até a União dos Trabalhadores Rurais de Pão de Açúcar, que depois transformamos em Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Ainda hoje costume visitá-la anualmente durante as Festas de Bom Jesus dos Navegantes ou quando um acontecimento maior sou convidado. Muitas saudades...

Revista Somese - Em Maceió você estudou em que colégio?

José Hamilton - Como falei anteriormente, estudei no tradicional Guido de Fontgalland, colégio de orientação religiosa; no início pagávamos as mensalidades, mas depois ganhei uma bolsa de estudos, através de uma prova nacional a que me submeti e por ter alcançado os primeiros lugares, essa bolsa do



Formatura em Odontologia

governo se estendeu a todo o curso secundário. O diretor do colégio era o padre Theófilo Augusto de Barros de uma família tradicional e de respeitados educadores.

Revista Somese – No curso secundário você teve algum envolvimento com o movimento estudantil?

José Hamilton – Desde o secundário que participava ativamente dos grêmios estudantis. Particpei de várias atividades, inclusive da criação de um jornal do Colégio; éramos incentivados a criar instrumentos paralelos educativos para desenvolvimento pessoal e social. Fui escolhido o orador da minha turma na festa de conclusão do curso.

Revista Somese – E a Faculdade de Medicina?

José Hamilton - Depois que abandonei a ideia de ser frade, meu desejo foi ser médico. Eu realmente queria fazer medicina, meu pai trabalhava na saúde e penso que isso tenha me influenciado. Na cidade as figuras do padre, do médico e do juiz eram bastante representativas. Depois de abandonar logo cedo a vontade de ser frade (fui coroinha e ajudava rezar a missa em latim, ainda hoje sei trechos daquele ritual), determinei-me então a fazer Medicina. Ao ir fazer a inscrição para o vestibular, encontrei com um colega que me colocou algumas questões que me fez naquele momento optar pela Odontologia; inscrevi-me e fui aprovado nos primeiros lugares; conclui o curso em 1964, mas depois fui para Medicina; exerci a Odontologia durante os 6 anos de medicina, que muito me ajudou a financiar os meus estudos, devo muito a ela. Conclui o curso de Medicina em 1971, também pela Universidade



A partir da esquerda: Hamilton, Juliano Simões, Murilo Belchior(Presidente do CFM), Dr.Machado(atrás), Luix Teixeira(Norcon) e Marcos Teles: conferindo na maquete a primeira sede do Cremese.

Federal de Alagoas.

Revista Somese - Como foi seu envolvimento na política no período da Revolução?

José Hamilton - Era do Diretório Acadêmico de Odontologia e depois do Diretório Central dos Estudantes – DCE, participava, portanto do movimento universitário mais à esquerda; participamos do 25º. Congresso da UNE no Quitandinha, no Rio de Janeiro, promovemos vários encontros e trouxemos a Maceió vários líderes nacionais como Leonel Brizola, Miguel Arraes, Padre Melo, etc. realizamos o I Seminário Operário-Estudantil-Camponês, entre outros eventos. Justamente nesse período rompe a Revolução de 31 de março, quando concluíamos o curso de odontologia em 1964. Era o orador da turma e todos os discursos dos vários cursos superiores foram censurados pelo 20º. BC, todos os membros do DCE foram presos, exceto eu, que depois descobri ter sido protegido por um oficial membro da CPI do IV Exército que era concunhado de um primo meu que tinha o mesmo sobrenome – Maciel.

Revista Somese – Como?

José Hamilton – Eram dias e noites horríveis. Toda noite ia deitar

com o medo de baterem em minha porta para me levarem. Meu pai procurou alguns amigos tentando conseguir aliviar àquela tensão, uma proteção. Diziam que minha prisão era questão de horas, já que meu nome circulava na lista dos procurados. Os boatos eram constantes e as rádios expandiam notícias, as mais horripilantes. Meu pai foi comigo até a Central de Inquéritos para que me entregasse já que tentei fugir e depois retornei. Constatado figurar das buscas, determinaram que voltasse para casa e aguardasse, pois já havia uma superlotação. Voltei, mas a expectativa de ser preso continuava ser dolorosa.

Revista Somese - E os seus pais, o que achavam da sua vida política?

José Hamilton – Um misto de censura e apoio e àquela velha frase: “Tá vendo, eu não lhe dizia...” Olha, foram momentos horríveis, inesquecíveis. Chegamos a abrir à noite num dos quartos de nossa casa e com ajuda de um vizinho amigo, um buraco para enterrar todos os livros e literaturas que dispúnhamos.

Revista Somese – Como você conheceu Glória, que viria a ser sua mulher?

José Hamilton – Foi em Pão de Açúcar. O pai dela era gerente do Banco Mercantil Sergipense, que tinha uma filial em Pão de Açúcar, começamos a namorar lá numa festa de São João.

Revista Somese - Vocês se casaram em Pão de Açúcar e foram morar em Maceió?

José Hamilton – Ambos estudávamos em Maceió e fomos nos casar em Pão de Açúcar no dia 26 de outubro de 1963, eu ainda no penúltimo ano de odontologia e ela no Colégio São José. Um fato pitoresco: o padre que ia realizar o nosso matrimônio recusou-se a fazê-lo na hora, o que nos obrigou a buscar um outro padre do município de Olho d'Água das Flores. Alegou as minhas atividades tidas como subversivas, que ele sempre proclamava em suas missas dominicais.

Revista Somese - E o emprego dos Correios?

José Hamilton – Meu pai era amigo de infância e compadre do

então deputado federal Segismundo Andrade, por sinal meu padrinho. Foi-lhe solicitado um emprego para mim; ele, do mesmo partido de Magalhães Pinto, que era dono no Banco Nacional de Minas Gerais, conseguiu um lugar para mim, que depois fui substituído por uma nomeação para o Departamento dos Correios e Telégrafos, através de um daqueles famosos “trens da alegria”, como chamavam. Era escriturário, depois fui Dentista e finalmente Médico, quando fui transferido para a DINSAM – Divisão de Saúde Mental do Ministério da Saúde.

Revista Somese – Afinal, e a Medicina?

José Hamilton – Formado em Medicina, resolvi ficar com Psiquiatria como a minha especialidade. Trabalhei na Casa de Saúde Miguel Couto, no Hospital Portugal Ramalho. Fiz o concurso nacional de Psiquiatria e tenho o Título de Especialista em Psiquiatria pela Associação Brasileira homologado pelo Conselho Federal de Medicina. Tenho participado de todos os Congressos Nacionais e alguns Mundiais de Psiquiatria, participado por convite de várias bancas examinadoras, apresentado trabalhos, etc.

Revista Somese – Por que

Sergipe?

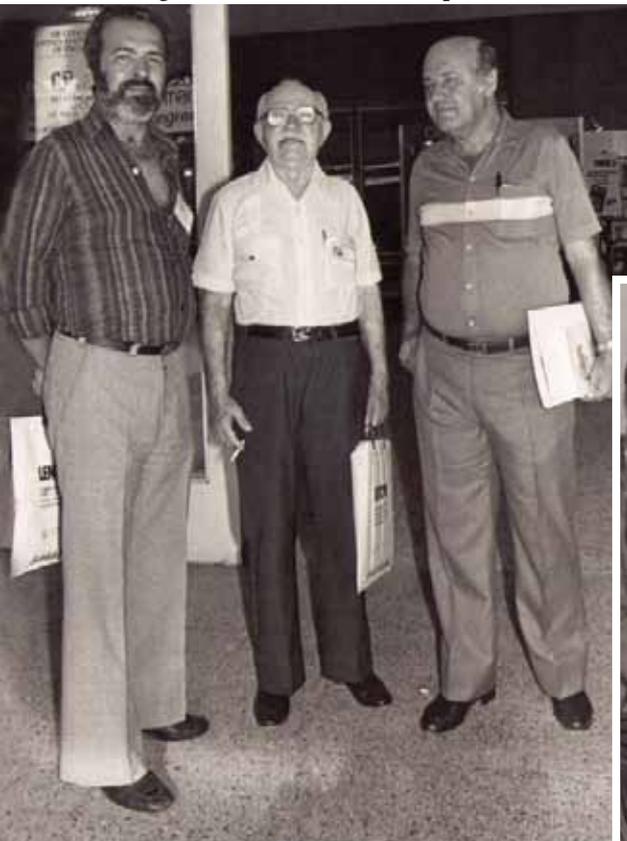
José Hamilton - Sergipe e particularmente Aracaju sempre foi palco na minha infância, basta dizer que vinha muito à Aracaju, pois Maceió só a conheci mais tarde. Aqui era a capital virtual de Pão de Açúcar - negócios, médicos etc. A geração do meu pai estudou em Aracaju. Só a minha é que foi já em Maceió. Tenho profundas lembranças das praças, do parque da catedral, dos bondes e da rua do comércio com suas bonitas lojas.

Revista Somese - Por quais médicos você foi consultado, em Aracaju?

José Hamilton - Dr. Machado, Dr. Edson Brasil... lembro-me que sofri um problema nasal, uma espécie de reação alérgica e quem me tratou foi o Dr. Edson Brasil.

Revista Somese – Voltando a Aracaju...

José Hamilton - Tenho boas lembranças desta cidade. Mas quem me convidou a vir para aqui foi o meu amigo e colega Josué Duarte Filho, ele que participava da equipe de trabalho do Secretário de Estado da Saúde, Dr. Jorge Cabral Vieira, no governo do Eng. Paulo Barreto de Menezes. Vim dirigir o antigo Hospital Adauto Botelho, que estava em estado



Com o Dr. Luiz da Rocha Cerqueira (ao centro)



Inauguração da Clínica São Marcello em 1979. À esquerda o Governador Augusto Franco

deplorável, como sempre estiveram os hospitais públicos estatais. Com determinação, aceitei o desafio e acredito ter realizado uma grande e profunda transformação naquele nosocômio. Inserimos equipes novas, estimulamos novos valores criando estágios para os acadêmicos de serviço social e medicina e podemos até dizer que uma nova geração de psiquiatras saíram desse período. Reestruturamos fisicamente o prédio, enfim, procuramos dar um novo enfoque, inclusive criamos um centro de estudos permanente e contamos com professores da universidade federal.

Revista Somese - E o que fez você despertar para a psiquiatria?

José Hamilton – Se fizemos uma enquete no início de cada curso médico, a maioria dos alunos dirá que prefere a cirurgia pelo encantamento que ela tem; depois com o decorrer do tempo e no aprofundamento do estudo do homem, as várias tendências vão surgindo paulatinamente e vão esco-



José Hamilton com os netos

lhendo-se as inúmeras especialidade que a medicina oferece. No meu caso, preferi a Psiquiatria como a grande opção de minha vida. Eu sempre gostei do “homem” na sua totalidade, pois nada que a ele se refere me é indiferente. Sou verdadeiramente um apaixonado no estudo e na compreensão da mente humana. Eis a questão.

Revista Somese - Sua esposa, Glorinha, também é psiquiatra, foi coincidência?

José Hamilton – Ela é uma pessoa que sempre soube o que queria e tem se revelado uma boa psiquiatra, tenho observado e ouvido dos seus inúmeros clientes; É muito dedicada e tem sido bem gratificante vê-la realizada, mas também posso acreditar que ela entendeu que a somação de esforços torna-nos mais fortes. É o que fazemos no dia a dia.

Revista Somese - Você chegou aqui, então, e veio trabalhar no Adauto em que ano?

José Hamilton – Justamente em 1972. Como disse anteriormente,

fui Diretor daquela Casa e depois o 1º. Coordenador de Saúde Mental do Estado, quando depois, por opção deixei o Estado para ser professor de medicina na Universidade Federal de Sergipe, na disciplina de Medicina Legal e Ética Médica, anteriormente comandada pelo eminente psiquiatra Garcia Moreno.

Revista Somese - E a Faculdade de Medicina?

José Hamilton – Ser professor é depois de médico a grande aspiração profissional. É fechar àquela secular expressão que ouvimos na colação de grau: “Podeis praticar e ensinar a Medicina”. Quando ouvi isso, parece que algo internamente me chamava. Ser responsável pela formação de um profissional é coisa muito séria. Hoje, já aposentado, vejo e sou cumprimentado pelos ex-alunos, vendo-os brilhar, assumindo os mais elevados cargos e fico satisfeito, orgulhoso até, por saber que me fiz presente na formação daquela pessoa. Também fico triste, me sinto fracassado ao ver um ex-aluno que em algum momento deslizou do trilho que projetara... Tornei-me amigo do Prof. Garcia Moreno, fui seu substituto também em outras áreas até por sua indicação como membro do Conselho Penitenciário do Estado.



José Hamilton, Glória e os filhos Zaira, Hélvio, Herardi e Hamilton Filho

Revista Somese - Quando você começa a se envolver com o movimento médico em Sergipe?

José Hamilton – Depois de anterior vivência na área político-associativa, pensava sempre me eximir de nova participação, mas parece que a gente é programada para algumas coisas. Uma crise havida aqui no Conselho de Medicina, que resultou na renúncia de vários membros, face as discordâncias entre dois gigantes da medicina, Airton Teles Barreto e Gilton Resende; o CRM necessitou de uma Junta Interventora, quando o meu nome foi lembrado ao lado de um grande profissional, o Dr. Juliano Calazans Simões, entre outros nomes. Isso me colocou numa situação de respeito entre os meus pares e tenho procurado estar sempre em consonância com a minha classe até agora, sempre em defesa de uma medicina cada vez melhor. Fui também, na época, representante da Sociedade Médica junto a Associação Médica Brasileira, quando Pedro Kassab era o presidente; depois presidente do Conselho Regional

de Medicina por duas vezes, tendo conseguido a concretização de um outro sonho, a sede do CRM no edifício Oviêdo Teixeira, graças a diretoria do CFM que tinha na presidência o Dr. Murilo Belchior Marques que tornou a realidade.

Revista Somese - Então veio o grande movimento da Somese em 1985?

José Hamilton – Sim. Mais uma vez fui instado a participar de uma campanha memorável contra o grupo que estava instalado na Sociedade Médica há algum tempo, e que tinha muita força política, na mídia falada, escrita e televisionada, mas que resultou numa consagrada e expressiva vitória da nossa chapa, contra o candidato da situação.

Revista Somese - Aí veio o trabalho com a Somese?

José Hamilton – É bem verdade que a sede da SOMESE estava em estado deplorável, uma lástima. Através do economista Dr. Marcos Antonio Melo, que na época era assessor da Confederação Nacional da Indústria - conseguimos chegar ao então presidente da CNI Albano do

Prado Franco que sensibilizado nos ajudou através de um convênio, vindo a favorecer na reestruturação de todo o antigo prédio. Um novo auditório, salas confortáveis, instalamos um restaurante “O Bisturi”, ponto de encontro dos médicos. Criamos o “Museu Médico de Sergipe” que obteve ajuda da Fundação Augusto Franco e da Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco, graças à ajuda do historiador Luiz Antônio Barreto; o Jornal da SOMESE, as lojas para aluguel, enfim, uma nova sede surgia das cinzas. Isso consolidou o prestígio da classe no Estado e fora dele, eis porque trouxemos para Sergipe vários encontros nacionais de peso, com a presença maciça dos nossos maiores nomes. Os médicos sergipanos e brasileiros me colocaram por duas vezes como vice-presidente nacional da AMB quando depois o Lúcio Prado Dias tomou o bastão e entrou de vez no movimento associativo.

Revista Somese - Foi na época da Somese que você pensou em entrar na política?

José Hamilton – Olhe eu não pensei, fui sempre convidado, mas acredito que foi depois daquela fase da Somese, com todas as mudanças que aconteceram na entidade. Ela se projetou e com ela fomos no bojo dos acontecimentos. Fui abordado por várias lideranças da época – José Carlos Teixeira, Seixas Dória, Jackson Barreto, entre outros. Findei entrando no PMDB. Participei de grandes reuniões políticas que varavam noites e noites com as lideranças maiores do Estado. Fui elevado a categoria de Presidente do PMDB e suplente de senador, depois Secretário de Estado da Saúde.



Dr. José Hamilton Maciel Silva

Revista Somese - O senhor quer fazer algum comentário sobre esse período? Houve conflitos na época...

José Hamilton – Cheguei à Secretaria da Saúde e coloquei as pessoas que indiquei, não sofri nenhuma restrição. Sempre tive do governador todo o prestígio e consideração necessárias. Apenas com o andar da carruagem percebi que não devia continuar, algumas coisas como é natural diferiam dos meus propósitos e eu tenho noção dos meus limites. Vi que não deveria mais continuar e apresentei por escrito e sem alarde o meu pedido de saída ao Governador; fiquei os dias no aguardo do meu substituto. Mas guardo a sensação e certeza de ter contribuído para o desenvolvimento da saúde em nosso Estado, onde realizamos o que foi possível, deixando muitas coisas em andamento; os dados da época comprovam isso. Tenho um profundo respeito pelo Governador e ele me tem demonstrado respeito e agradecimento pelo que pude fazer. Posso dizer que valeu a pena.

Revista Somese - Como é que foi a ideia da Clínica?

José Hamilton - A Clínica foi um sonho de adolescente. Desde cedo coloquei na cabeça que queria montar um serviço, quem sabe, um hospital. Outros colegas de turma tiveram esse mesmo desejo. Todos nós faríamos psiquiatria; conversamos, fizemos um grupo e capitalizamos ideias. Éramos cinco: Adailton, Flávio, Moacir, Alcione e eu; vários projetos, viemos à Aracaju, vários contatos e algumas decisões. Todos eles mudaram de novos caminhos: o primeiro fez Ortopedia, o segundo Cardiologia, o terceiro ginecologia e obstetrícia, o quarto otorrinolaringologia e ficou apenas eu com a Psiquiatria

e o único a vir para Sergipe. Aqui, juntei-me a Rosauro Luna Torres e Roberto Carvalho Lima. Demos alguns passos, mas não progredimos. Realmente Sergipe necessitava de um novo serviço, pois havia uma demanda grande, como ainda existe hoje. Fizemos um projeto moderno, contemporâneo, e apresentamos ao FAS – Fundo de Assistência Social, gerido pela Caixa Econômica Federal e partimos para a luta. Motivamos vários psiquiatras da terra além de termos a participação de membros da família que também faziam psiquiatria, psicologia e enfermagem como Natanael Resende Dória, Maria Helena Ávila Lima, Maria de Fátima Passos Dória, Maria de Fátima Dória Pinto, Marileide Maciel Carvalho, depois foram incorporados também a minha esposa Maria da Glória e meus dois filhos, Zaira e Hamilton. Vários outros profissionais da terra e de outros estados se integraram a nossa equipe.

Revista Somese - Uma característica sua é a presença constante em várias frentes com uma assiduidade impressionante. Pra se ter uma ideia, Hamilton conseguiu ter uma participação de 100% nas reuniões da Academia de Medicina. Como que você consegue conciliar tantas atividades e ser tão assíduo?

José Hamilton - Procuo me organizar de tal modo que costumo deixar cada coisa em seu lugar. Tenho me dedicado as coisas que faço com determinação e tenacidade, pois ao assumir um compromisso, procuro levá-lo a sério com obstinação. Procuo estar presente sempre que convidado, com respeito inclusive às reuniões de família que são sagradas, pois é o encontro regular que tenho

com filhos, noras, netos, familiares e amigos que nos visitam.

Revista Somese - Uma grande realização?

José Hamilton – Não ter vergonha de nada que fiz e ter a satisfação de ter construído grandes amizades ao longo de minha vida. Ter uma família bonita, proba e honesta. Fico feliz pelas coisas que pude conseguir até mais do que julgo merecer.

Revista Somese - O senhor deixou de realizar alguma coisa?

José Hamilton – Sempre há algo a fazer. Sou um homem de mil projetos e ainda tenho muita coisa na cabeça, muitas ideias que penso em concretizar, se tempo me for dado.

Revista Somese - Como o senhor vê a Medicina hoje?

José Hamilton – A medicina tem conseguido avanços espetaculares em todas as áreas. Em psiquiatria tem sido uma verdadeira revolução, principalmente no campo da psicofarmacologia que modificou completamente a figura do paciente e propiciou o seu retorno ao trabalho e ambiente familiar, pela redução do tempo de internamento. Preocupame, entretanto, a quebra da relação profissional/paciente que está bastante afetada. É preciso se fazer alguma coisa neste sentido.

Revista Somese - Você teve uma grande satisfação recente ao ver um neto se formar em Medicina. Que conselho que você daria prá ele?

José Hamilton – Costumo conversar com ele e o alerto para os riscos da nossa profissão, a necessidade de olharmos com respeito e carinho o nosso paciente, pois ele é o foco e a razão de todos, nosso mister. Aliviar a dor sempre, curar quando possível, mas nunca deixar de tentar.

Dr. Emerson: um mandato a serviço da classe

Eleito vereador de Aracaju nas últimas eleições pelo PT, o médico dermatologista Emerson Ferreira da Costa foi, neste ano, um dos parlamentares mais atuantes da Câmara, assumindo uma postura de total independência, seguindo os ditames de sua consciência, alicerçada em uma sólida formação ideológica e de compromisso com a classe médica. Segundo ele, nada vem por acaso, há toda uma história iniciada ainda como adolescente nos centros acadêmicos e nas lutas da juventude propriense. Na Faculdade de Medicina, continuou a militância político-estudantil e após a formatura, como professor, participou das comissões de pós-graduação e depois nas entidades médicas, na Somese e no Sindimed, onde foi presidente, inaugurando a sede cuja construção havia sido iniciada pelo seu antecessor Cleômenes Barretto.

Após o sucesso nas urnas, Dr. Emerson passou a ficar mais próximo ainda da categoria. Vislumbrando uma possibilidade real de começar pra valer um projeto de representação política, a Somese, através de sua diretoria, decidiu abrir diálogo com ele para avançar no processo de representação política.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

Indagado sobre a iniciativa, Emerson reafirmou à nossa reportagem que não adianta somente manter a luta institucional, é preciso fortalecer as entidades médicas e, entendendo a conjuntura política, perceber com clareza a importância

de se construir uma consistente representação política. Contando com o voto de centenas de médicos que assumiram o compromisso pessoal de apoiá-lo, vale ressaltar, entretanto, que ele não foi eleito com a força da categoria, mas graças a acordos político-partidários. “Tive o apoio pontual de muitos médicos, foi de enorme importância o apoio de colegas médicos, mas não tive o apoio institucional, o apoio das entidades”, desabafou. No entanto, mesmo consciente desse fato, vem colocando o seu mandato a serviço das entidades e dos médicos.



Dr. Emerson

Durante a recente greve dos médicos da Prefeitura de Aracaju, Emerson participou ativamente da mesa de discussões, fazendo a intermediação nas negociações e participando de todas as assembleias do Sindimed. Chegou inclusive a votar contra o aumento proposto pelo executivo municipal. “Apesar de ser da base de apoio ao prefeito,

sempre me coloquei na posição de independência quando o assunto diz respeito aos interesses da classe médica”, ressaltou. “Já disse ao prefeito e ao secretário de saúde que o meu mandato está colocado a serviço da organização dos trabalhadores da saúde e em particular da categoria dos médicos. Em todos os confrontos buscarei primeiro o entendimento, mas quando esse entendimento não houver, paciência!”, vaticinou.

Segundo Petrônio Gomes, presidente da Somese, a classe médica e suas lideranças precisam urgentemente avançar nesse tipo de engajamento. “Precisamos definir nossas propostas e os nossos candidatos, que sejam de fato comprometidos com a classe e não somente com alinhamentos político-partidários”.

Atendendo ao pedido da Somese, Emerson conseguiu rapidamente obter o reconhecimento da entidade como de instituição de Utilidade Pública, que estava há anos sem revalidação. O projeto já foi aprovado na Câmara em tempo recorde, graças (por) aos seus esforços..

Segundo o Membro da Academia de Medicina, Lúcio Prado Dias, recentemente aconteceu um exemplo claro da importância da presença de um médico comprometido com a categoria. A Câmara dos Deputados aprovou, após anos de discussões, a Lei do Ato Médico e para isso foi fundamental, segundo ele, o trabalho de Eleuses Paiva, ex-presidente da AMB, que assumiu o mandato como representante de São Paulo (ele estava na condição de suplente). “A partir do momento

em que ele assumiu na Câmara, passou a agir de modo cooperativo para resolver a situação e conseguiu. Colocou o projeto do Ato Médico embaixo do braço e saiu de comissão em comissão, conversando e agilizando a votação”, relembra. O exemplo de Eleuses Paiva demonstra a importância da representação política. E arrematou: “Os médicos têm que ter vereadores, deputados estaduais, federais, senadores. Se não puder ter médicos comprometidos, que tenhamos candidatos comprometidos com a categoria. Nós temos que nos organizar e construirmos imediatamente a nossa representação. A atuação de deputado federal Eduardo Amorim, médico sergipano, também foi muito importante na mobilização para a aprovação da lei. Então porque não podemos apoiar de fato Eduardo, Eleuses, Emerson e outros que estejam dispostos a assumir compromissos com a classe”, questiona Prado.

HONORÁRIOS

Segundo Emerson Costa, é preciso avançar nessa representação. “A gente precisa ter médicos que representem a categoria, e esta precisa ter a sabedoria e o entendimento de tocar essas candidaturas porque tudo isso passa pelo respeito e pelo modo como a categoria vai ser tratada. Se a categoria for forte e unida, os gestores vão respeitar. Quando fui convidado pela atual diretoria da Somese para recuperar e reativar a Comissão Estadual de Honorários, não pensei duas vezes e assumi a sua presidência mesmo com todos os encargos de vereador e já estamos avançando. Até porque a Comissão de Honorários de Sergipe tem um histórico respeitável de lutas em prol de honorários dignos por parte

dos convênios. Temos que deixar a individualidade e partir para o coletivo”, ressalta Emerson.

Segundo ele, a Comissão de Honorários já está à procura dos planos de saúde, exigindo que as conversas sejam feitas com intermediação da Comissão. “Eles continuam chamando os médicos para uma conversa individual, porque é mais fácil de dominar, de se impor quando a relação é de individualidade, continuam chamando os médicos para renovar contrato. Quando não, convidam as sociedades de especialidades isoladamente. Nós queremos discutir coletivamente. A gente precisa compreender essa importância de lutarmos enquanto categoria, onde houver uma luta de médico, nós deveremos estar juntos. Já conseguimos nos engajar com os urologistas e com os pediatras em suas reivindicações.”

O médico diz que vê de maneira positiva o trabalho realizado pelo Sindimed. “Existem discordâncias, é natural. Mas o sindicato cumpre o seu papel, tá atuando. Por outro lado

temos a Sociedade Médica, que hoje passa por dificuldades do ponto de vista estrutural, mas o esforço de sua atual diretoria é digno de registro. Nós chegamos aonde chegamos porque temos a SOMESE lá atrás muito forte, como uma entidade de referência da nossa categoria. Devemos muito a SOMESE”, ressalta.

Indagado sobre o seu futuro político Dr. Emerson disse que vai depender muito do que consiga construir junto com a categoria. “Eu não entrei na política por necessidade, tenho minha profissão, sou professor da Universidade, a política não é o meu meio de vida. Entrei por concepção, por ideologia, tenho uma história que começou em Propriá e se mantém retilínea. Só peço aos colegas que compreendam a luta da categoria e, se possível, engajem-se. Mesmo tendo que superar algumas insatisfações em casa, a separação constante da família, o futuro da minha militância vai depender muito da categoria e de suas lideranças. Eu irei até onde a categoria puder ir junto comigo”, finalizou.



ARQUIVOS DA HISTÓRIA MÉDICA DE SERGIPE II



Dr. Augusto Cesar Leite

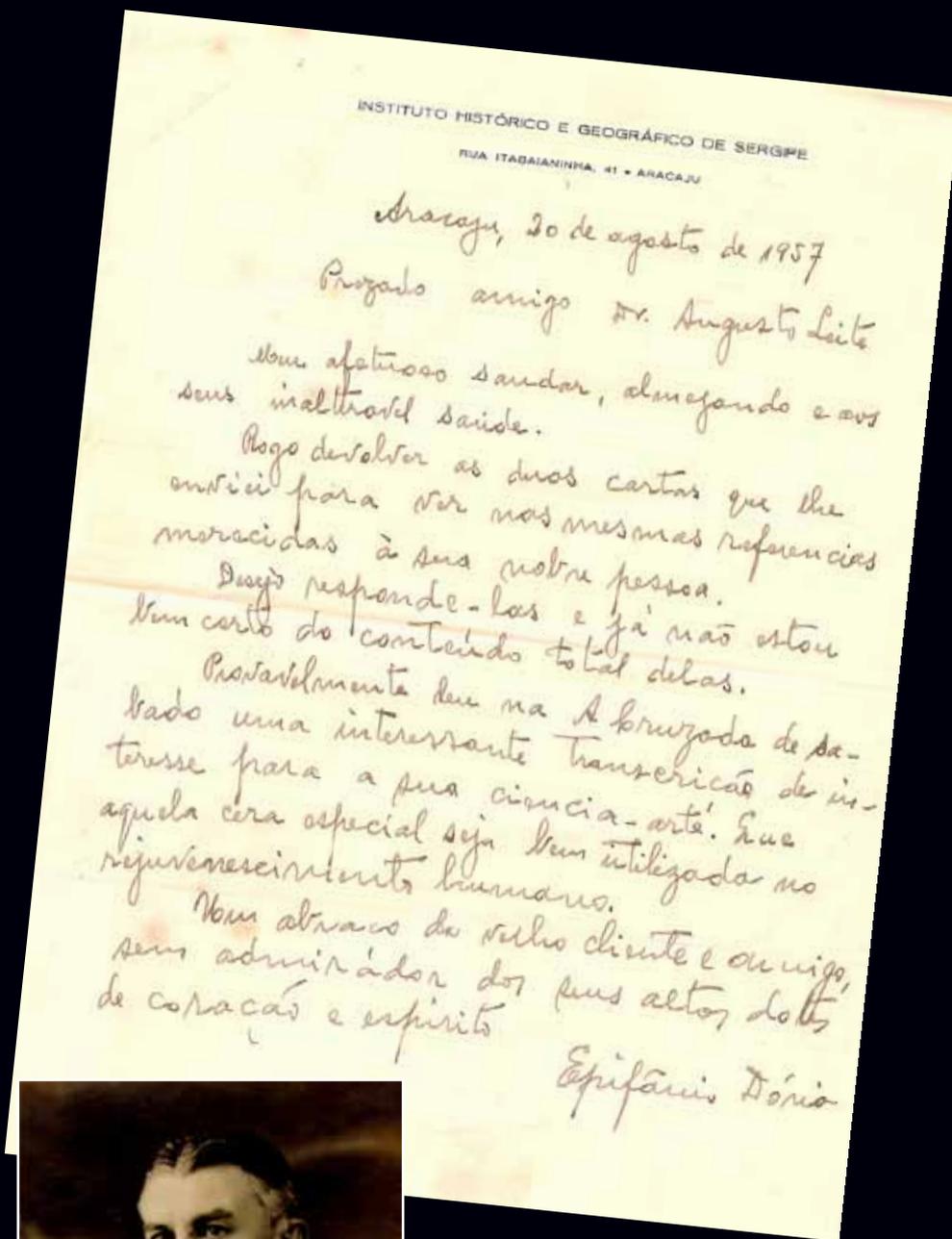
O escritor Epifânio Dória, autor da memorável obra “Efemérides de Sergipe”, recém lançada em livro, foi um cuidadoso historiador. Após escrever duas cartas a Augusto Leite e percebendo que o mesmo não iria respondê-las, volta a lhe escrever pedindo-as de volta, com a diplomática desculpa de que não estava “bem certo do conteúdo total delas”.

Infelizmente, não sabemos do paradeiro das cartas.

Quanto ao artigo a que ele se refere, trata-se de “As abelhas salvaram o Papa”, transcrito da revista “Eu Sei Tudo”, de 5 de outubro de 1956 para o jornal “A Cruzada”, de 17 de agosto de 1957, que com toda certeza foi lido pelo Dr. Augusto.

Sabemos ainda que Dr. Osvaldo Leite, filho de Augusto, foi um esforçado apicultor.

(P A G O M E S)



Epifânio Dória

Arquivo Particular **Dr. Petrônio Gomes**

Lançado o Dicionário Biográfico

A Academia Sergipana de Medicina lançou, no último dia 15, o livro “Dicionário Biográfico de Médicos de Sergipe”, de autoria dos acadêmicos Antônio Samarone, Lúcio Prado Dias e Petrônio Gomes, com apresentação de Déborah Pimentel, presidente da Academia e prefácio de Luiz Antônio Barreto, da Academia Sergipana de Letras e do Instituto Tobias Barreto.

Para viabilizar a obra, fruto de 4 anos de pesquisa dos seus autores, foi fundamental a participação da Universidade Tiradentes, como patrocinadora exclusiva. O Dicionário Biográfico é composto por notas introdutórias dos autores, verbetes de 600 médicos que atuaram em Sergipe nos séculos XIX e XX. Os critérios de inclusão foram os seguintes: todos médicos já falecidos, independente da idade e os vivos somente com mais de 70 anos de idade.

Por solicitação da promotora da publicação, a Academia Sergipana de Medicina, foi incluído um capítulo com os verbetes de todos os “imortais” da instituição. O Dicionário traz também um capítulo onde consta dezenas de verbetes incompletos. Paralelamente, está sendo disponibilizado um site da publicação, para que os leitores possam sugerir inclusões, correções e sugestões para uma próxima edição. O site também será atualizado permanentemente com novos verbetes, de acordo com os critérios de inclusão (www.infonet.com.br/



Capa do Livro

asm/dicionariomedico). Veja como os verbetes são apresentados:

ANTÔNIO MILITÃO DE BRAGAÇA



Nasceu em 31 de julho de 1860 em Laranjeiras/SE, filho de Dr. Francisco Alberto de Bragança e Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 15 de dezembro de 1883, defendendo a tese “Paralísias Consecutivas às Moléstias Agudas”. Recém formado, transferiu-se para o Rio de Janeiro por breve espaço de tempo e voltou para Laranjeiras onde montou consultório na Rua Direita. Informado da inexistência de médico em Pão de Açúcar/AL, transferiu-

se para esta cidade ribeirinha, onde permaneceu por sete anos. Em 1892, regressou a Laranjeiras. Em 1898 foi Delegado de Higiene em Laranjeiras. Participou em 1910 da fundação da Sociedade de Medicina de Sergipe. Em 1911, atuou com destaque no violento surto de varíola que atingiu Laranjeiras, que quase a despovoou, tal o número dos que fugiram para a Capital, a este tempo melhorada em seus aspectos sanitários e com maiores recursos de atendimento. Escreveu “A Varíola em Laranjeiras”, trabalho muito rico em detalhes clínicos, epidemiológicos e profiláticos. Urbanizou, com recursos próprios, a primeira praça de Laranjeiras, que recebeu o nome de Dona Possidônia Santa Cruz. Praticou também a oftalmologia e dele se conta, sem comprovação, que teria secretamente prestado atendimento médico a Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, retirando-lhe de um dos olhos um graveto que lhe havia penetrado acidentalmente. Progressista e inovador incluiu-se entre os primeiros a importar gado indiano e introduzi-lo nos rebanhos sergipanos. Compositor, compôs, entre outras: “Saudades de Philomena” (mazurca), “Minha simpatia” (valsa), “Idealizando” (mazurca). É patrono da cadeira dois da Academia Sergipana de Medicina. Faleceu em 27 de março de 1949, em Aracaju/SE, com 89 anos.

Registro

Vanessa Marques Ferreira



Colou em grau em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina a jovem, Vanessa Marques Ferreira, sobrinha do presidente da Somese Petrônio Gomes. A colação de grau aconteceu no último dia 28 de novembro em Salvador e ela agora se prepara para a residência médica em Oftalmologia. Os parabéns da equipe redatorial da Revista Somese.

Lei Antifumo é aprovada em Aracaju

A Lei Antifumo 3756/09, de autoria do presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Emmanuel Nascimento, que proíbe o fumo de qualquer espécie em locais públicos e privados foi aprovada no dia 4, deste mês, pelo prefeito Edvaldo Nogueira.

O vereador, em discurso, enfatizou a importância da conscientização da população aracajuana a favor da saúde e não da beleza que o capitalismo impõe e declarou o nível de dependência que a droga possui. “Nós fumamos porque o capitalismo nos impôs que o fumo é bonito. O cigarro é uma droga tão forte que até hoje eu tenho vontade de fumar. O fumo prejudica as pessoas em vários aspectos da vida”, relatou.

O prefeito Edvaldo Nogueira elogiou a iniciativa do vereador ao fazer essa lei que consolida a cidade da qualidade de vida e garantiu a realização de uma campanha educativa sobre a importância da proibição do fumo em ambientes coletivos fechados para que se possa co-

locar essa regra em prática. “A lei evita que o não fumante se torne um fumante passivo. Pensando assim, o vereador Emmanuel Nascimento, ao fazer essa lei, deu uma grande colaboração à cidade de Aracaju”, declarou.



Prefeito Edvaldo Nogueira / Foto: André Moreira

O trabalho realizado no município tinha base na Lei Federal 9.294/96, mas não era intensificado por não existir regulamentação. Segundo a coordenadora da Vigilância Sanitária Municipal (Covisa), Ana Angélica Ribeiro Costa, o estabelecimento que cometer infração,

a partir da sanção, será advertido e na causa de reincidência haverá a emissão de multas e até interdição do local. “Assim faremos valer o direito do cidadão de estar em ambiente coletivo fechado sem que seja agredido, exposto as cinco mil substâncias tóxicas que estão presentes na fumaça do cigarro”, afirmou o coordenador da Vigilância Sanitária Estadual, Antônio Pádua.

A solenidade foi prestigiada pelo presidente da Sociedade Médica de Sergipe (Somese), Petrônio Gomes e pelo Membro da Comissão Nacional de Combate ao tabagismo da Associação Médica Brasileira, William Soares, que fez questão de parabenizar o vereador Emmanuel Nascimento e o prefeito de Aracaju Edvaldo Nogueira e informou aos presentes sobre o tabagismo. “Cerca de 1/3 de todos os cânceres está ligado ao fumo. O fumante passivo tem 30% a mais de câncer do que o indivíduo que nunca fumou, então a sanção da lei é de grande importância e pode salvar milhares de vida”, diz.

Por: Bruna Andrade

COOPMESE admite novos membros

A Cooperativa dos Médicos do Estado de Sergipe foi fundada em 17 de julho de 2002, na sala de reuniões da Somese. Ela foi criada com o objetivo de ampliar o campo de trabalho do profissional médico, Instalando inclusive, quando conveniente, ambulatórios, consultórios, centro de pesquisa e outros estabelecimentos especializados para utilização pelos seus cooperados, além de promover o seu aprimoramento profissional através da realização de cursos seminários, congressos, viagens e visitas de estudos, debates, concursos e outros empreendimentos científicos, entre outros.

Poderá cooperar-se, todo profissio-

nal médico na qualidade de pessoa física e/ou jurídica e que tendo livre disposição de sua pessoa e bens, concorde com o Estatuto e exerça sua atividade dentro da área de ação fixada nos contratos, convênios e acordos, além de estar devidamente inscrito no Conselho Regional de Medicina de Sergipe.

Atualmente a Cooperativa tem em vigência importantes contratos com alguns municípios a exemplo de Frei Paulo (Hospital Santa Mônica), Capela (Hospital Pedro Alcântara e Maternidade Leonor Franco), Nossa Senhora do Socorro (Hospital Regional José do Prado Franco), Laranjeiras (Hospital e Maternidade São João de Deus), além da Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju (AIH do Hospital Cirurgia e Hospital São Lucas – para os

médicos cooperados) e da FUSEX.

Com estes contratos, a demanda por médicos nas especialidades de pediatria, obstetrícia e generalista ainda é maior do que a oferta. Por esse motivo, a COOPMESE está atualizando e ampliando seu quadro de cooperados, para que possa continuar oferecendo a sociedade um atendimento médico qualificado.

A COOPMESE tem sua sede na SOMESE, sala 1 - 1º andar, funcionando de segunda a quinta das 8 às 18 horas e às sextas feiras das 8 às 17 h. O número para contato é (79)3222-0562 e o email: coopmese@hotmail.com. Dirige a Coopmese, na condição de presidente, a Dra. Tânia Rodrigues tendo como tesoureiro o Dr. Pedro Henrique Garcia Moreno.

Unimed celebra o Dia do Médico e seus 25 anos em grande estilo

Concerto, recital, festa de confraternização e lançamento de CD

A Unimed Sergipe comemorou seus 25 anos de fundação e o Dia do Médico com programação eclética. No dia 19, no Teatro Tobias Barreto, promoveu o II Concerto Unimed desta vez com a apresentação da Orquestra Preparatória e da Orquestra Sinfônica de Itabaiana, sob regência dos maestros Valtênio Alves de Souza e Ângelo Rafael Fonseca, respectivamente.

A noite não foi só para celebrar o dia do profissional da medicina, mas também para abrir oficialmente as celebrações do Jubileu de Prata da Cooperativa Médica. “Além de festejar o Dia do Médico, este evento representa o início das comemorações dos 25 anos da Unimed Sergipe”, ressaltou o presidente da cooperativa, Adelson Chagas.



Recital Natalino na SOFISE com o Grupo Instrumental Unimed



Orquestra Sinfônica de Itabaiana

Cooperados, funcionários, convidados, entre eles diretores da Unimed Brasil, participaram em 7 de novembro de uma festa de confraternização na AABB. Fechando a programação, aconteceu no último dia 11, um Recital Natalino, com a apresentação do Grupo Instrumental da Unimed e do Coral Unimed”, que voltou a se apresentar no Cantinho

da Arte em 15 de dezembro. O ponto alto foi o lançamento do primeiro CD do Grupo Instrumental ocorrido na SOFISE. Com um repertório variado, o grupo incluiu a composição Seresta ao Luar, uma peça inédita de autoria do Prof. Leozirio Guimarães e aproveitou para fazer a sua execução ao final do recital, como presente-surpresa aos professores e alunos da instituição fundada em 1971, atualmente dirigido pela professora Olga Andrade.

Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC-Sergipe), tem nova diretoria

O Capítulo Sergipano do CBC escolheu para o biênio 2010-2011 a seguinte Diretoria :

Mestre TCBC Carlos Anselmo Lima , Vice-Mestre TCBC Marcos Prado Dias, 1º Tesoureiro - TCBC Valdinaldo Aragão Melo,

2º Tesoureiro TCBC Antonio Correa Fernandes , 1º Secretário TCBC Philip Edward Boggiss, 2º Secretário - TCBC Antonio Alves Junior, Diretor de Defesa Profissional (DEPRO) TCBC -Márcio Cezar Botelho Nascimento.

A Comissão de Sindicância ficou composta pelos ex-Mestres TCBC Adelson Severino Chagas, Valdinaldo Aragão e Marcos Prado Dias. As eleições para o Diretório Nacional e para os Capítulos, foram realizadas em novembro.

Noite memorável nos 15 Anos da Academia

Noite de gala marcou a celebração do décimo quinto aniversário de fundação da “Casa de Gileno”, como é conhecida carinhosamente a Academia Sergipana de Medicina. Fundada em 9 de dezembro de 1994 por Gileno da Silveira Lima e colaboradores, a Academia Sergipana de Medicina, com apenas 15 anos de vida conseguiu ser a depositária da história da Medicina de Sergipe. Seus presidentes, na ordem, Cleovansóstenes Aguiar (1994-1996), José Hamilton Maciel Silva (1996-1999), Lúcio Prado Dias (1999-2001), Hyder Gurgel (2001-2003), Eduardo Garcia (2003-2005) e Deborah Pimentel (2005-2007/2007/2009), honraram o cargo e transformaram a entidade, com o apoio de todos os seus membros efetivos, num total de quarenta, uma referência nacional no contexto da Federação Brasileira das Academias de Medicina, incluindo a Academia Nacional de Medicina.

A solenidade comemorativa foi iniciada às 20h30, presidida pela Dra. Déborah Pimentel que na sua oração, além de destacar fatos históricos da Academia transmitiu aos presentes uma bela reflexão natalina (leia na próxima página). A solenidade contou, ainda, com a presença dos presidentes do Conselho Regional de Medicina de Sergipe e da Sociedade Médica de Sergipe, Paulo Amado e Petrônio Gomes, respectivamente, do presidente da Academia Sergipana de Letras Anderson Nascimento, do presidente da OAB-Secção Sergipe, em exercício, Jose Rivaldálvio Lima, do vice-reitor



da UFS Ângelo Antonioli, do Diretor Regional dos Correios José Fernando Jasmin Reis, da Presidente da Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer Idalina Martinez Campos, do Gerente da Agência Filatélica de Sergipe João Vieira de Rezende, do Assessor de Comunicação dos Correios Ginaldo de Jesus, do Diretor Presidente da Segrase e da Editora Diário Oficial de Sergipe Luiz Eduardo Oliva, e dos acadêmicos José Augusto Soares Barreto, Hyder Gurgel, Eduardo Garcia, Alexandre Menezes, Zulmira Freire, José Hamilton Maciel Silva, Manoel Hermínio de Aguiar, Elizabete Tavares, William Soares, Marcelo Ribeiro, Anselmo Mariano Fontes, Virgílio Araújo, Geraldo Bezerra e Roberto César P. do Prado, Lúcio Prado Dias e dos já citados Déborah Pimentel, Paulo Amado e Petrônio Gomes.

Coube à Dra. Déborah Pimentel abrir oficialmente a sessão solicitando, através do mestre de cerimônias, a execução do Hino Nacional brasileiro, pela Banda do 28o Batalhão de Caçadores e do Coral da Sociedade Filarmônica de Sergipe, com a exibição de um vídeo mostrando as fotos de todos os 40 patronos e dos fundadores da ASM já falecidos. Momento de rara e pura emoção. No seu discurso, a Dra. Déborah, com sua sensibilidade, inteligência e lirismo, ressaltou a atuação da Academia, com seus melhores momentos, destacando

a grande contribuição que a entidade vem trazendo para a preservação da história médica de Sergipe, entre elas o lançamento do Dicionário Biográfico de Médicos de Sergipe que acontecerá no próximo dia 15 de dezembro.

Em seguida, a acadêmica Zulmira Freire, de uma forma muito espontânea e carinhosa, quebrou o protocolo e ao lado de Eduardo Garcia, declamou poemas de Marcelo Ribeiro e Olavo Bilac. Ato contínuo, a Academia homenageou os seus 16 membros fundadores, todos e vivos e atuantes, entregando-lhes um diploma especial.

Chegou então o ponto alto da solenidade. A homenagem da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos à Academia, com o lançamento do Selo Comemorativo aos 15 anos de sua fundação, momento de pura magia e emoção. Um a um, Déborah Pimentel (ASM), Paulo Amado (CREMESE), Petrônio Gomes (SOMESE), José Anderson Nascimento (ASL), Rivaldálvio Lima (OAB), Lúcio Prado (Museu Médico), José Hamilton Maciel e José Augusto Barreto, estes dois últimos representando os fundadores da Academia, fizeram a obliteração do Selo, que ficará registrado indelével na história da filatelia brasileira.

Finda a solenidade, a Academia ofereceu aos seus convidados um coquetel comandado pela competência e experiência de Selma Duarte. Uma noite memorável, para ficar na história da Medicina de Sergipe.



Selo Comemorativo

A Academia e a celebração do Natal

Trecho do discurso pronunciado pela presidente da Academia Sergipana de Medicina, Déborah Pimentel, na Solenidade dos 15 Anos da entidade

(...) “Esta celebração não é apenas do nascimento de uma Academia, mas é antes de tudo a celebração do nosso natal. Este período natalino nos convoca a uma série de reflexões sobre o significado das nossas existências, e o cristianismo coloca em Deus essas respostas. Deus nos criou para que tivéssemos êxito nas nossas ações, para sua glória e louvor.

Senhores, o cristianismo é essencialmente a primazia de princípios éticos e morais, quais sejam: determinação diante do trabalho, paz, amor, solidariedade, compaixão, fraternidade, tolerância, aceitação das diferenças, respeito e perdão.

Não sem razão são, em linhas gerais, estes mesmos princípios, aqueles citados como éticos, por Hipócrates, e que compõem importantes pilares da nossa prática: o compromisso da Medicina com a vida; a técnica, que implica no investimento no trabalho e no desenvolvimento técnico científico; a relação médico paciente que deve estar imbuída de respeito e compaixão; e a confidencialidade, enquanto prática quase que sacerdotal que valoriza o segredo profissional como expressão do respeito à privacidade do paciente. Ora, esses elementos significam, caríssimos senhores, atos essencialmente cristãos.

Enquanto campo científico, a Medicina está firmemente empenhada em diminuir as incertezas dos que a praticam, aumentando sua racionalidade. Naturalmente que uma boa prática médica deve incluir elementos de resolutividade; eficiência em termos biológicos, econômicos e psicossociais; segurança e respeito ao ser humano.

Mas, nunca esqueçamos o ofício hipocrática como exercício dos ensinamentos do revolucionário Jesus



Cristo: uma boa prática médica é aquela que incorpora elementos de sabedoria e de compaixão, de intenção consciente e moralmente justificada para cada ato, de decisões tomadas com correção, zelo e coração.

Que essas disposições hipocráticas e cristãs, sejam levadas por todos em todas às nossas atividades, sem desejos espúrios ou com conflitos de interesses.

Que o narcisismo, a indiferença e a vaidade sejam inibidos e afastados e que nossas ações sejam com o único propósito de servir ao outro, nosso companheiro ou companheira, nossos filhos, pacientes, amigos, e sempre em nome da felicidade maximizada e socializada com o maior número de pessoas possível. O nome disso é amor: a única saída possível para o homem, a nossa única possibilidade de dar sentido à própria existência. E isso tudo é ser cristão: amar, servir, respeitar, perdoar.

Bem senhores, hora de lhes desejar Parabéns! Feliz Aniversário! Dizer-lhes, por conseguinte, Feliz Natal!

Expresso o meu desejo que 2010

seja tão generoso para este sodalício quanto foi em 2009 e que possamos, no ano que está chegando, juntos, chegar a bom termo nas proposições desta diretoria, nos fortalecer cada vez mais institucionalmente, porquanto sermos um grupo cuja maior missão é o resgate e manutenção da nossa memória sobre os valores e a história da Medicina e dos médicos que nos dignificam com suas ações e realizações no nosso Estado. Mas que sejamos também a referência hipocrática ético-cristã.

Para todos, peço ao bom Deus, muita saúde, paz, amor e harmonia. Que o espírito natalino, paire sobre nossas vidas e que sigamos os exemplos de homens como os nossos fundadores e homenageados na casa de Gileno Lima: Cleovansóstenes Pereira de Aguiar; Alexandre Menezes; Hyder Gurgel; Hugo Gurgel; José Hamilton Maciel Silva; Dietrich Todt; José Augusto Barreto; Lúcio Prado Dias; Zulmira Rezende; Eduardo Conde Garcia; Lauro de Brito Porto; Dalmo Machado Melo; Francisco do Prado Reis; José Teles de Mendonça; Luiz Hermínio de Aguiar e José Abud.”

OUTUBRO

- ☑ 10/10/2009 - Feijoada no Hotel Radisson em comemoração ao Dia do Médico, por iniciativa do Hospital Unimed.
- ☑ 15/10/2009 - Sessão na Câmara dos Vereadores em homenagem ao Dia do Médico.
Almoço festivo no Somese com diretores da AMB.
Solenidade da Secretária Municipal da Saúde na Somese, pelo Dia do Médico.
Abertura do Congresso de Cardiologia no Hotel Radisson.
- ☑ 16/10/2009 - Café da manhã no Sindimed pelo Dia do Médico.
Mesa-redonda no Sindimed em homenagem ao Dia do Médico.
- ☑ 17/10/2009 - Visita das Entidades Médicas ao Hospital João Alves.
- ☑ 19/10/2009 - Missa na Igreja São José pelo 40º ano de fundação do Hospital São Lucas.
Reunião no Conselho Regional de Economia - CORECON.
- ☑ 22/10/2009 - Solenidade em homenagem ao centenário do Dr. Lourival Bomfim.
- ☑ 24/10/2009 - Entrevista ao Jornal Cinform.
- ☑ 29/10/2009 - Almoço na Somese com a Secretária de Ação Social, Conceição Vieira.

NOVEMBRO

- ☑ 07/11/2009 - Festa do 25º aniversário da Unimed na AABB.
- ☑ 09/11/2009 - Solenidade na UNIT pelo reconhecimento do Curso de Medicina.
Entrevista na TV Cidade no programa "Batalha na TV".
- ☑ 11/11/2009 - Lançamento da Revista de Estudos de Psicanálise na Somese.
- ☑ 12/11/2009 - Convênio de parceria com o INSS, durante almoço na Somese.

- ☑ 17/11/2009 - Solenidade de constituição da Editora Diário Oficial, na Sociedade Semear.
Reunião-almoço no Sindimed.
Posse do Dr. Lúcio Prado Dias com Conselheiro do CRM, representando a Somese.
- ☑ 26/11/2009 - Visita de cortesia ao Hospital Cirurgia, conjuntamente com o Presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia e de Cancerologia.

- Palestras com os Presidentes das Sociedades Brasileira de Radioterapia e de Cancerologia na SOMESE.
- ☑ 28/11/2009 - Solenidade de formatura do Curso de Medicina da Escola Bahiana de Medicina em Salvador-BA

DEZEMBRO

- ☑ 01/12/2009 - Solenidade no Memorial do Judiciário para a abertura do Natal.
- ☑ 03/12/2009 - Entrevista ao Jornal Cinform
Lançamento do livro da escritora Lilian Gomes Rocha, na Sociedade Semear.
- ☑ 04/12/2009 - Solenidade na Prefeitura Municipal de Aracaju, para sanção da lei contra o fumo em logradouros públicos.
- ☑ 09/12/2009 - Solenidade na Somese em comemoração ao 15º aniversário da Academia Sergipana de Medicina.
- ☑ 11/12/2009 - Jantar de confraternização da Coopmese na Somese
Jantar de confraternização da Academia Sergipana de Medicina.
- ☑ 14/12/2009 - Entrevista no Portal Infonet.
- ☑ 15/12/2009 - Lançamento do Dicionário Biográfico de Médicos de Sergipe na Sociedade Semear.

Todos os sábados a partir das 21 horas



CLUBE DO CHORINHO

Local:
Iate Clube de Aracaju
Av. Beira Mar



musicaltur

Eventos, Negócios e Turismo
Av. Gonçalo Prado Rolemberg, nº 1274
Centro - Aracaju / SE CEP: 49010-410
Fones: (79) 3224-2857 / 1272 e 3041-4912

O IATE CLUBE DE ARACAJU, em parceria com a S&M MUSICALTUR apresentarão para o público em geral, o CLUB DO CHORINHO, todos os sábados, a partir das 21h, com início no dia 9 de janeiro de 2010. Os ingressos poderão ser adquiridos na bilheteria do IATE no valor de R\$ 10,00 (dez reais). O CLUB DO CHORINHO será executado pelo grupo BOÊMIOS NOTA 10. Contatos: (079) 9988-0087/9949-5610. E-mails: m.melo@infonet.com.br e silvinamaria@uol.com.br



Dr. Hesmoney Ramos de Santa Rosa

NEUROCIRURGIÃO
CRM-SE 1298
MEMBRO TITULAR DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE NEUROCIRURGIA

Consultório: **DIAGNOSE**
Av. Gonçalo Prado Rollemberg, 340.
Bairro São José - CEP 49010-410 - Aracaju/SE
Tel: 3213-7862. E-mail: hesmoney@uol.com.br

Almoçando com a Gente

|1| Dia 22.10 - O engenheiro Luiz Eduardo Magalhães, que já foi diretor da SUDENE, proferiu palestra mostrando as vantagens e os benefícios da instalação de usinas nucleares no Estado. Entre os convidados, os doutores, José Augusto Barreto, Vollmer Bomfim e Dietrich Todt

|2| Dia 29.10 - A deputada estadual e atual Secretária de Estado da Inclusão Social, Conceição Vieira, almoçou com os médicos e mostrou as ações de sua pasta.

|3| Dia 05.11 - O Superintendente da SMTT, Antônio Samarone, proferiu palestra sobre a situação do trânsito na cidade, mobilidade e cidadania.

|4| Dia 12.11 - O superintendente do INSS em Sergipe, Augusto Fábio de Oliveira, e o coordenador geral de Perícias Médicas, Sérgio Lopes, debateram com os médicos a aposentadoria especial em função da exposição permanente a agentes nocivos.

|5| Dia 19.11 - O juiz de direito, José Anselmo de Oliveira, titular da 3ª Vara Criminal de Aracaju, discutiu temas relacionados à responsabilidade civil e penal do médico.

|6| Dia 26.11 - O Dr. Roberto Gomes, ex-presidente da entidade e professor de oncologia da Universidade Federal do Espírito Santo e o Dr. Carlos Araújo, Presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia, falaram sobre o problema do câncer no Brasil. O Prof. Uchôa esclareceu aspectos da constituição do Curso de Medicina da UNIT.

|7| Dia 03.12 - O Sr. Sílvio Múcio, diretor de Operações do Deso, respondeu perguntas sobre o órgão.

|8| Dia 10.12 - O auditor da Receita Federal Marcelo Ribeiro (atenção, colegas, não é o otorrino!) debateu questões tributárias da "leão" e do INSS.

|9| A fachada da Somese agora está mais bonita, como pode-se perceber, ostentando, garbosa, as bandeiras do Brasil, de Sergipe e da entidade, que serão desfraldadas diariamente.





PROF. BARRETO FONTES

Poucas são as personalidades de que as pessoas recordam com tanta intensidade, com tanta familiaridade, com tanta admiração.

Dizia ele que não gostava de festas. Conversa pura, era um festeiro mor.

Lembro-me de que quando dirigi a Escola Técnica de Contabilidade Conselheiro Orlando, nome pomposo, aquela escola nunca deixou de ser tão festeira. Bailes, reuniões de conagração aconteciam todo mês, a base de coca-cola, guaraná Marita e Jade, estes últimos produtos de nossa indústria local de refrigerantes.

Uma noite, porém, numa dessas confraternizações, notou o Barreto uma grande afluência ao cafezinho. No balcão, o Manoelzinho, detrás de uma “máquina de fazer café” maior que ele, pontificava.

Nunca se vendeu tanto café, nunca houve festa mais animada. O Barreto desconfiou, tanta alegria com café, mas calou-se.

Na festa seguinte, foi o primeiro a ir tomar café. O Manoelzinho suava, dizia que a água ainda estava fria, que talvez até não tivesse café naquela festa, que o pó do Café Sul Americano estava estragado, mil histórias.

O Barreto fez que acreditou e foi para a sua sala. Lá para tantas, olhou o cafezinho sendo vendido às pressas. Vai rápido, pega uma xícara, conhaque puro.

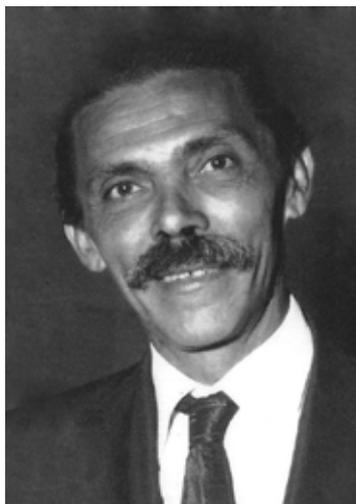
Todos calados, acabara a festa, imagina o escândalo. Barreto, porém, com a cara mais séria do mundo determina:

“...O café está muito forte; só pode ser vendido aos maiores. Se pegar você, Manoel, vendendo café aos menores, está dispensado...”

Foi a maior festa e o Manoelzinho continuou por todas as festas a vender o seu fortíssimo café.

Ainda diretor, decidiu fazer a Escola desfilar no dia 07 de Setembro.

Ora, lá estudavam à noite vários pais de família, pessoas idosas,



Prof. Barreto Fontes

comerciários, no mais das vezes. Foi um protesto geral:

“...Não vamos desfilar como meninos perante nossos filhos...”- diziam.

Barreto resolveu de rápido o problema. Mandou rodar no mimeógrafo a seguinte declaração:

“Fulano de Tal, não desejando homenagear sua Pátria no seu dia maior, informa que não participará do desfile magno no dia 07 de setembro.” Abaixo, o local reservado à assinatura.

Ninguém quis se comprometer, e pela primeira vez Aracaju viu seus homens e mulheres que estudavam à noite desfilando em 07 de setembro. Foi primeiro lugar no desfile.

O mestre Barreto Fontes nasceu em Laranjeiras, filho de família numerosa.

Como todos os seus irmãos, foi também um privilegiado pela inteligência. Magro,

comprido, esguio, esquelético mesmo, desde menino fazia das suas.

Era dono de um jornal, vendia propaganda das casas comerciais da cidade, redigia o seu editorial e, quase sempre, quadrinhas e sonetos, criticando alguns de seus eventuais ou imagináveis inimigos.

Uma das “vítimas” de sua preciosa caneta foi o prático dentista Osvaldo, “O Bigodeiro”, assim chamado porque, com a sua máquina de broca para tratamento de cáries, havia arrancado quase a metade do bigode do velho Xixiu, o que eu lhe custara a permanência por longo tempo em casa, acanhado com aquela face de meio bigode.

Inspirado nas próteses do Osvaldo, muito elogiadas pela perfeição, Barreto dedicou-lhe um soneto, de cujo inteiro teor não me recordo mais. Seus versos finais, no entanto, são notáveis. Pergunta o poeta ao Osvaldo:

“-(...) donde dentes tão belos?”

E ele respondeu, com aquele ar de mistério:

- Não diga nada a ninguém. É dente de cemitério”.

Quase líquido, o Osvaldo se mudou para Aracaju.

Barreto Fontes foi aluno de Dona Zizinha. Aluno brilhante e bagunceiro. Pobre, na hora da merenda comia pétalas de rosas dos jardins de Laranjeiras. À noite, quando tinha dor de dentes, Dona Laura, sua mãe, o confortava dizendo:

“...Durma que passa...”.

E o Barreto foi crescendo com seus irmãos, longilíneos, tão longilíneos que em uma festa, roupa nova, engomados, saíram os filhos de mãos dadas com Dona Laura. Foi um susto! Um garotinho saiu correndo e gritando:

“...Mamãe, olhe uma cerca andando...”.

Eram as canelas finas dos Fontes.

Menino ainda, mudou-se para

Aracaju com sua família. Lá ,foi professor já aos 14 anos. Lecionou Geografia e História, fruto dos ensinamentos de Dona Zizinha.

E pela vida afora, com um intervalo de apenas quatro meses,exerceu a sua profissão de químico industrial.

Instado pelos seus professores que sentiam suas potencialidades, fez vestibular para química industrial no Recife. Lá viveu dois anos. Entretanto, preocupado com o assassinato do estudante Demócrito pela polícia da ditadura,transferiu-se para a Escola Nacional de Química do Rio de Janeiro, onde concluiu seu curso.

Voltou a Sergipe. Voltou também a ensinar.

Não conseguia trabalho na sua especialidade, o que ele dizia ser culpa do título universitário que conquistara, pois tendo havido recentemente um desfalque no tesouro do Estado os jornais da época anunciavam em letras garrafais:

“Tesoureiro faz química com o

tesouro e desaparece”.

Imagina – dizia o Barreto – se o tesoureiro que nem sequer era formado, fizera aquela química, o que não faria ele então, químico formado no Rio de Janeiro?”.

Trabalhou quatro meses na Usina São José dos Pinheiros, em sua destilaria, e só.

“Professor Barreto Fontes, culto e simples como são os bons, formou uma geração de sergipanos.”

Professor, decide fazer curso de Análise Clínica no Departamento Nacional de Saúde Pública. É aprovado no concurso. Não querem aceitá-lo por ser químico. O curso era somente para médicos e farmacêuticos, mas sua nota é alta e ele é finalmente aceito. Termina o curso com 83,05 – segundo colocado.

Volta a Aracaju e instala um laboratório de Análises Clínicas, quando então passa a dividir o seu

tempo de analista e professor por longos anos.

Envelhecendo, vende o laboratório famoso e acreditado, tanto que o seu novo dono não quis mudar-lhe o nome, até hoje “Laboratório de Análises Clínicas Doutor Barreto Fontes”.

Aposenta-se da Universidade como professor emérito. Não para. Vai à pesquisa e deixa dois trabalhos inéditos:” A Reciclagem do Vinhoto “ e “Tratamento do Lixo Urbano”.

Cheio de projetos, morre de repente surpreendendo a todos,deixando uma saudade que não foi apenas dos seus alunos, mais de todos os sergipanos que tiveram o privilégio de conhecê-lo, e de com ele conviver e usufruir dos seus ensinamentos.

Professor Barreto Fontes,culto e simples como são os bons,formou uma geração de sergipanos.

Foi um símbolo do seu tempo; e hoje mais do que isso é uma lembrança fraterna a enriquecer a memória do povo de Sergipe.



Onco Hematos

A Melhor equipe para o Melhor Tratamento

ONCOLOGIA CLÍNICA

Adolfo Scherr
André Peixoto
Carlos Souza Guimarães
Nivaldo Farias Vieira
Simone Driesel Bittencourt

HEMATOLOGIA E HEMATOTERAPIA

Carlos Souza Guimarães
Juliana Brunow Nogueira
Lourdes Alice de Holanda Marinho
Lucas de Menezes dos Santos

CIRURGIA ONCOLÓGICA E GERAL

Phillip Edward Boggiss
Roberto Gurgel
Rodrigo Bicudo

CLÍNICA MÉDICA

Albino de Almeida Maia
Juliana Silva Santana
Manuela Santiago

FARMÁCIA

Silvia Regina A. Santos
Trícia Coelho de Souza

MEDICINA DA DOR (ALGOLOGIA)

Vera Azevedo

NUTRIÇÃO

Miriam Duarte Barros Franco

PSICOLOGIA

Shirley Santos Teles Rocha

PEDIATRIA

Hematologia e Oncologia

Rosana Cipolotti

Hematologia

Simone Viana

Oncologia

Pérola Barros
Venâncio Gumes Lopes

ENFERMAGEM

Ângela Mª. M. Sá Barros | Enfermeira
Simone Yuriko Kameo | Enfermeira
Renata Freitas Bonfim | Enfermeira

CENTRO DE PESQUISAS

Milena Miranda Pinheiro | Coordenadora



Antropofagicamente Falando - II

Todos conhecem o mito de Pélops, filho do rei da Anatólia chamado Tântalo. Este, para testar os deuses, fez um cozido com a carne de seu próprio filho. Revelada a farsa, Pélops foi ressuscitado e Tântalo teve o merecido castigo: ficar com o corpo mergulhado em água, tendo uma árvore com frutos sobre a cabeça; a cada vez que baixar a cabeça para beber, desce o nível de água; a cada vez que tentar pegar um fruto da árvore, seus ramos se elevam. No acervo mitológico, há vários outros exemplos de antropofagia cometida por afronta, mas nos limitaremos a citar Cronos, que devorou seus filhos por temor de perder o poder. Na vida real, citam-se líderes africanos em delírio megalomaniaco, além de audaciosos psicopatas. Adicionalmente, existem relatos antropofágicos na sociedade moderna como resultado de vingança, paranóia ou perversão sexual.

Embora se procure ocultar registros de antropofagia em decorrência da extrema necessidade, eles comprovadamente existiram. E não estamos falando de um remoto acidente aéreo em distantes geleiras, ou entre exóticas comunidades do Terceiro Mundo. Na Bíblia (2 Reis 6,25-30), quando Jorão era rei de Israel (século IX a.C.), e durante o cerco de Samaria, houve mãe que comera o próprio filho. No livro de Jeremias, que viveu no século VII a.C., identificamos um apavorante vaticínio antropofágico (19, 6-9). Josefo, historiador judeu do tempo de Jesus, relata um caso semelhante na “Guerra dos Judeus contra os Romanos” (6,21), ocorrida por volta de 70 d.C. durante o cerco a Jerusalém. Seria certamente cansativo enumerar outros casos emblemáticos de antropofagia decorrente da carência de alimento. Apenas para ilustrar a inconveniente situação, citaremos o termo sutil “mouton à deux pattes” (carneiro de duas patas) para se referir ao consumo de carne humana na faminta Europa medieval.

No que concerne à antropofagia no seio da cristandade, configura-se praticamente em tabu comentar acerca dos “canibais de Maarat”. O episódio ocor-

reu na alvorada de 12 de dezembro de 1098, durante a Primeira Cruzada, num pequenino lugarejo situado a meio caminho entre Antioquia e Trípoli (hoje, o território seria parte da Síria, na mesma altura de Lataquia, a leste do rio Oronte). Segundo Amin Maalouf, que escreveu “As Cruzadas vistas pelos Árabes”, a cidadela sequer possuía exército, contentando-se apenas com restrita milícia de jovens imberbes. O relato de historiadores árabes e europeus (contemporâneos aos acontecimentos ou que entrevistaram testemunhas) é chocante: o mínimo que se pode dizer é que houve carnificina, com milhares de civis mortos à espada.

Por incrível que pareça, isso não foi o pior, conforme o depoimento do cronista franco Raoul de Caen: “em Maarat, os nossos faziam ferver os pagãos adultos em caldeira, fincavam as crianças em espetos e as devoraram grelhadas”. Outro cronista, dessa vez árabe e nascido na mesma época em uma cidade vizinha, descreve os cruzados como aqueles que “possuem a superioridade da coragem e do ardor no combate, mas nenhuma outra, assim como os animais têm a superioridade da força e da agressão”. A tal ponto o canibalismo dos ocidentais ficou entalhado na memória árabe, que os turcos passaram utilizar o vocábulo “cruzado” (“franj”), que provém das levas de “francos” europeus nas Cruzadas) no sentido de “antropófago”. O historiador Steven Runciman, autor da monumental obra intitulada “A History of the Crusades”, laconicamente atribui o fato à exaustão de suprimentos na vizinhança, e então “o canibalismo parecia a única solução”. Semelhante justificativa fora dada ao papa: “uma terrível fome que assolou o exército”. Mas esse não é, absolutamente, o ponto de vista de todos os historiadores, muito menos o dos árabes. Afinal, há relatos de sobreviventes que teriam ouvido os “franj”, aos gritos e do outro lado da muralha, “clamando bem alto que querem devorar a carne dos sarracenos”. E, ao que parece, foi exatamente o que fizeram. Outro cronista franco, Albert de Aix, comentou que os

cruzados não tinham repugnância em comer a carne dos turcos e sarracenos mortos.

Diante do descalabro, em que ficamos perplexos com a possibilidade de devotados cristãos praticarem o canibalismo como manifestação de ódio religioso, Maalouf interroga: “Canibais por necessidade? Canibais por fanatismo?” Mas ele mesmo nos indica que a atribuição do massacre apenas à fome “parece um pouco fácil” e, ademais, o cenário sugere “comportamentos que a fome não pode explicar”. É-nos lícito, portanto, especular que tenha sido uma das motivações que apontamos para a prática do canibalismo: a afronta. Em qualquer hipótese, a chacina dos “canibais de Maarat” proporcionou separação duradoura entre cristãos e árabes, inclusive cultural. Não são poucos os assustadores detalhes contidos em epopeias sobre o tema, assim como não se poupou tinta de coloração rubra nas terríveis gravuras.

A questão antropofágica na atualidade continua de certo modo confinada a “guetos” acadêmicos. Todavia, há interessantes textos, acessíveis ao público em geral. Nos “Ensaio” escritos no século XVI, Montaigne (que parece desconhecer o massacre de Maarat) opinou sobre costumes exóticos de povos antigos em “Dos Canibais” (I,31), presentando-nos com excelente antecipação do que viria ser a antropologia interpretativa de Geertz: “não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela idéia dos usos e costumes do país em que vivemos”. As eruditas considerações de Montaigne, porém, talvez sejam incapazes de aliviar nossa perplexidade diante da conduta dos soldados cristãos no cerco de Maarat, ubiquamente reconhecida como macabra, insólita e bizarra. Tanto hoje, quanto outrora; tanto no Oriente, quanto no Ocidente. Quiçá haja mesmo algo de insondável em tudo isso.



No Nordeste, usa-se o termo Torrado como um sinônimo de rapé, tabaco em pó, para cheirar. Carinhosamente, algum familiar, geralmente a mãe ou uma tia, passa a mão com ligeireza nos órgãos genitais do menino e a leva ao nariz, dizendo que “pegou um torrado”. É um cheiro íntimo.

Venturoso João

João Mello nasceu em Salvador, bairro das Sete Portas, no dia 24 de junho de 1921, mas ainda trisco de gente passou ligeiramente por Irará, terra de Tom Zé, e veio com a família para Boquim, ali sendo comemorados seus três anos de idade. Na terra do poeta Hermes Fontes conheceu Urcino de Fontes Góes, o Carnera, amizade sólida, duradoura. Adolescente, vem para Aracaju, aqui estuda e se envolve profundamente com música, ao reencontrar o amigo. Bem intencionado, sonha com um mundo melhor, socialista, e, tocado pela (boa) poesia modernista de José Sampaio, compõe uma canção com letra comovente, intitulada João Ventura, de 1947, fonte de sérios aborrecimentos – ao autoritarismo de Vargas seguira-se o de Dutra – durante muito tempo:

“João Ventura/só tem ventura no nome/ passa frio e passa fome/não tem casa pra morar.../João Ventura/quando anda na cidade/prá ninguém é novidade/ninguém para pra olhar/mas quem conhece de perto/o João Ventura/sabe que ele não é/malandro nem vagabundo/João Ventura/é um cabra inteligente/sonha com um mundo diferente/prá ele e pra todo mundo”.

Chegou João Mello, incentivado por Silvio Caldas, a passar uma temporada no Rio de Janeiro, com programa na Rádio Tupi, mas, época de guerra mundial, foi convocado em Sergipe para servir ao Exército, chegando à patente de Sargento. Volta a frequentar o grupo de Carnera e a Rádio Difusora.

Após meditar bastante, Mello decidiu experimentar sucesso na boa terra. Lá, trabalhou nas rádios Excelsior e Sociedade, e como crooner em boates – Oceania e na Xangô, do Ho-

tel da Bahia – e no bar XK. Torna-se conhecido, consolida seu nome como cantor e compositor. Inquieto e ousado, arruma os picuás e parte para o Rio. Inicia carreira de diretor artístico e produtor musical. Mas continua compondo. Sua música Dói... dói... (receberia registros de Aracy de Almeida, Isaurinha Garcia, Vera Lúcia) fez parte da comédia – estrelada por Ankito – Pistoleiro bossa nova, da Cinédia. Para Stanislaw Ponte Preta, o Sérgio Porto, a melhor canção de 1959. “Descobre” Jorge Ben cantando num bar e fica impressionado com Chove Chuva e Por causa de você, menina. Chama-o à mesa e faz-lhe convite para um teste na Philips às 10 h do dia seguinte. Quando chega às 8 h, um sonolento e ansioso Jorge já o esperava. Produziu discos para Jackson do Pandeiro e Almira, Genival Lacerda, Zé Calixto, Trio Nordestino e outros. Adiante, Mello trabalharia com João Araújo, pai de Cazuzza, na Som Livre, da Globo. Lá produziu a trilha sonora de várias novelas: *O bem amado*, *Fogo sobre terra*, *Saramandaia*, *Escrava Isaura...*

“Um dia, conversando com João Gilberto, ele me diz: ‘Fernando, lembra de João?’. E eu: ‘João? Que João?’. E ele: ‘João Mello’. ‘João Mello?’. ‘Sim, João Mello, lá de Aracaju’. E concluiu: ‘o melhor cantor que conheci’”

Teve como parceiros nomes consagrados: João Donato, Fernando Lobo, Codó, Baden Powell, Jorge Ben, Luiz Bittencourt, Armando Piti-gliani. Canções suas foram gravadas por meio mundo de gente grande: Araci de Almeida, Aracy Costa, Isau-

rinha Garcia, Lúcio Alves, Jackson do Pandeiro, Sérgio Mendes, Jorge Ben, Elza Soares, Joyce, Doris Monteiro, Wanda Sá, Vanja Orico, Djavan, Nana Caymmi, Zezé Gonzaga, Marília Barbosa, Elizeth Cardoso, Nara Leão, Originais do Samba, Tamba Trio, Coral da Philips, Trio Nagô, Beth Carvalho, e até o americano Stan Getz.

Conta Fernando Faro, da TV Cultura, onde apresenta o respeitado programa Ensaio: “um dia, conversando com João Gilberto, ele me diz: ‘Fernando, lembra de João?’. E eu: ‘João? Que João?’. E ele: ‘João Mello’. ‘João Mello?’. ‘Sim, João Mello, lá de Aracaju’. E concluiu: ‘o melhor cantor que conheci’”. Acrescenta Faro que todos sabem que, para João, Orlando Silva foi o maior cantor de todos os tempos, mas que quis ele citar João Mello como o melhor cantor que ele conheceu, quando, de 1942 a 1944, morou em Aracaju e Mello brilhava na radiofonia e nos auditórios sergipanos. Uma demonstração de admiração e respeito.

Registraria também o apresentador Fernando Faro que Djavan reconhece a importância de João Mello em sua carreira: “foi ele que realmente me lançou no disco pela Som Livre; minha primeira faixa gravada foi uma participação no LP da novela *Gabriela*, da Rede Globo, que Mello produziu para a gravadora”.

João Mello ainda produziria LPs de Moraes Moreira e encerraria sua carreira na Som Livre com um trabalho da divina Elizeth Cardoso.

Aposentado, era hora de o cidadão João Lourenço de Paiva Mello arrumar novamente os breguessos e voltar de “qualquer jeito” para o seu Sergipinho, “tão pequenininho, mas tão bonitinho/ que dá gosto a gente ver”.

PÓS-GRADUAÇÃO MÉDICA

ATENÇÃO:
ÚLTIMAS VAGAS

• **93% de aprovação nas provas de Título de Especialista**

40%
de desconto
nas matrículas
feitas até o dia
10/02/2010

- **Cursos autorizados e reconhecidos pelo MEC**
- **Certificados emitidos por Faculdade de Medicina**
- **Professores-médicos atuantes nas seguintes Escolas Médicas:
USP, Federal de SP, RJ, MG, UERJ, Unicamp**

Angiologia, Alergologia e Imunopatologia, Cardiologia, Dermatologia, Endocrinologia e Metabologia, Gastroenterologia Clínica, Ginecologia e Obstetrícia Ambulatorial, Geriatria e Gerontologia, Oftalmologia, Pediatria, Psiquiatria, Reumatologia e Sexologia Médica

Curso especial de atualização: Técnicas Dermatológicas na Prevenção e Melhoria da Estética Humana*

Quantidade de horas-aula: 1.302 (50% práticas, 50% teóricas). (*) Serão aceitas exclusivamente inscrições de Cirurgiões Plásticos ou Dermatologistas devidamente inscritos em suas Sociedades Médicas.

Ensino médico desenvolvido com ética e profissionalismo, de Médico para Médico

ATENÇÃO:

Os primeiros 20 alunos inscritos em nossos cursos terão 10% de desconto na primeira mensalidade

QUER GANHAR UM NOTEBOOK?

Inscriva-se agora para o sorteio através do site.

Parabéns Dra. Aline Cury - CRM-RJ 52 87259-8 • Sorteada no dia 18/10/2009



UNIDADES:

SALVADOR/BA

71 **3237-2507**

BELO HORIZONTE/MG

31 **3272-7444**

SÃO PAULO/SP

11 **2276-1266**

RIO DE JANEIRO/RJ

21 **2501-5599**



IPEMED
INSTITUTO DE PESQUISA
E ENSINO MÉDICO

*Produzindo Saber com Ética e
Profissionalismo aos Médicos*

R. Dr. João Garcez Froes, 200
Ondina - CEP 40.155-700
Salvador-BA

www.ipeмед.com.br

Centenário de Nascimento de Lourival é Comemorado

Solenidade em homenagem ao centenário de nascimento do Patrono da cadeira 36 da Academia Sergipana de Medicina, ocorrido nesta quinta-feira (22/10), na Somese, revestiu-se de brilho invulgar.

A sessão foi iniciada às 20 horas e 20 minutos, pela Dra. Déborah Pimentel, presidente do sodalício, com a composição da mesa de autoridades pelo secretário-adjunto Lúcio Prado Dias. Compuseram a mesa o Secretário de Saúde de Aracaju, Marcos Ramos, o deputado federal Jackson Barreto, o vereador Dr. Gonzaga, o Dr. Petrônio Gomes, presidente da Somese, o representante do Cremese, Walbert Martins Carvalho e o Dr. Vollmer Bomfim, filho de Lourival Bomfim.

Após a leitura dos telegramas e comunicados recebidos, entre eles do Governador Marcelo Déda, do Presidente do Tribunal de Justiça Des. Roberto Porto, do Dr. Francisco Bragança, que reside em Maceió, dos médicos Henrique Batista e Paulo Amado, que estavam em Brasília e de outras autoridades e amigos, foram iniciados os pronunciamentos.

Coube à viúva do Dr. Lourival fazer a intervenção inicial. Ela traçou um emocionado perfil de esposo, como homem de extrema sensibilidade e fé, segundo ela “um ser místico, que estabeleceu como o cerne do seu viver, um relacionamento muito íntimo, absolutamente pessoal e extremamente afetivo com Deus”. Foi aplaudida de pé, em sinal de respeito e reverência.

Em seguida, o ocupante da cadeira 36 da Academia, médico e acadêmico Gilmário Macedo proferiu discurso focado na figura do professor Lourival Bomfim, o fascínio que exercia sobre seus alunos com a sua inteligência e sabedoria, agradecendo “pela luminosa dialética que nos ensinou”, a ele oferecendo uma mantra... “Ribbono shel olam (mestre do Universo), para que sua memória reverbere para sempre”.

Prosseguindo as homenagens, foi a vez da professora Clotilde de Lourdes Branco Germiniani, que veio do Paraná especialmente para a sessão solene em

homenagem a Lourival Bomfim. “Meu primeiro contato com a Faculdade de Medicina de Sergipe foi em 1965. Logo ao chegar fui recebida por dois expoentes da medicina sergipana e duas figuras basilares da então recém-criada faculdade, os doutores Antônio Garcia e Lourival Bomfim”. Dedicou a Lourival versos da poetisa paranaense Helena Kolody que, segundo ela, se aplica a sua trajetória de vida. Disse: Deus dá a todos uma estrela, uns fazem da estrela um sol. Outros, nem conseguem vê-la.

Ato contínuo, o professor Eduardo Garcia, da UFS, ex-reitor e sucessor de Lourival na cadeira de Biofísica fez consistente pronunciamento,



abordando dados biográficos do homenageado, com ênfase na sua formação científica e cultural. Segundo ele, “Lourival era um homem fascinante. Tinha a segurança e a experiência atestadas por seus cabelos brancos, mas também a curiosidade sobre as pessoas e as coisas, que se vê na criança que se debruça sobre o mundo.”

Depois a acadêmica Zulmira Freire Rezende revelou carinhosamente aspectos da família Bomfim, seu casamento com D. Julieta, os filhos, netos e bisnetos e a trajetória fascinante do homem, professor e médico. Disse: “Lembro aos mais jovens a importância da sua vida, sua força em atingir seus objetivos, o médico cientista que soube utilizar as ferramentas da ciência e da tecnologia, enquanto escutava, olhava nos olhos e segurava a mão do seu paciente”.

O pronunciamento seguinte coube ao Sr. Luis Carlos Rezende, que

abordou aspectos da vida do enfocado relacionados ao meio ambiente. “Incansavelmente, Dr. Lourival estimulava o apego ao estudo científico, ao conhecimento exato dos fenômenos naturais e as interferências da ação do ser humano sobre o ambiente”. Rezende ressaltou a grande produção científica do Dr. Lourival, que teve papel de destaque como coordenador do Conselho Executivo de Controle de Poluição das Águas, legítimo fórum de discussões e coordenação de pesquisas e de diagnósticos que embasaram leis, decretos, resoluções adotados pelo Governo de Sergipe.

Por fim, o médico Vollmer Bomfim, filho do homenageado, agradeceu em nome da família às pessoas envolvidas na elaboração da programação do centenário e disse que seu pai por certo estará muito feliz por ter escutado nessa solenidade quem de fato gostaria de ouvir. “Meu pai mostrou-me a porta para três aspectos fundamentais da vida: Deus, sexo e amor. Ensinou-me o livre arbítrio, a liberdade de pensamento, o respeito ao pluralismo e a tolerância”. Foi muito aplaudido.

Após os discursos, foi exibido um áudio-visual elaborado pela família, com fotografias do Dr. Lourival Bomfim nos seus mais variados momentos da vida e distribuído um livro com todos os pronunciamentos da noite, que contou com o apoio institucional da SAMAN Empresas. Ao final, a família ofereceu coquetel aos presentes.

Registramos os acadêmicos presentes na sessão: José Augusto Barreto, Hyder Gurgel, Fedro Portugal, Eduardo Garcia, José Teles de Mendonça, Virgílio Fernandes de Araújo, José Geraldo Bezerra, Marcos Ramos, Maria Helena Garcia, Zulmira Freire, Gilmário Macedo, Déborah Pimentel, William Soares, Lúcio Prado Dias, Petrônio Gomes e Roberto César Prado.

Está de parabens a Academia Sergipana de Medicina por esta maravilhosa realização, que homenageia uma figura basilar da medicina de Sergipe.

impressão que tem vida



Sua idéia fica ainda melhor com uma impressão de qualidade, uma impressão de verdade.

A Impacto Comunicação Visual possui uma das maiores estruturas do setor, seis anos de experiência, parceiros em Sergipe e em outros estados, portfólio variado e serviços em todas as áreas de comunicação visual. A melhor impressão em backlight, decoração de interiores, displays, empenas, eventos, fachadas, frontlight, frotas e veículos, peças promocionais, placas, estandes e totens. E o resultado de tudo isso é uma impressão tão perfeita, que até parece real.



3205-6900

www.impactose.com.br



IMPACTO
comunicação visual

ATENÇÃO



GUIA DO

Estudante

SERGIPANO 2010

COLÉGIOS • FACULDADES • EAD



**Seus intervalos
com mais conteúdo**

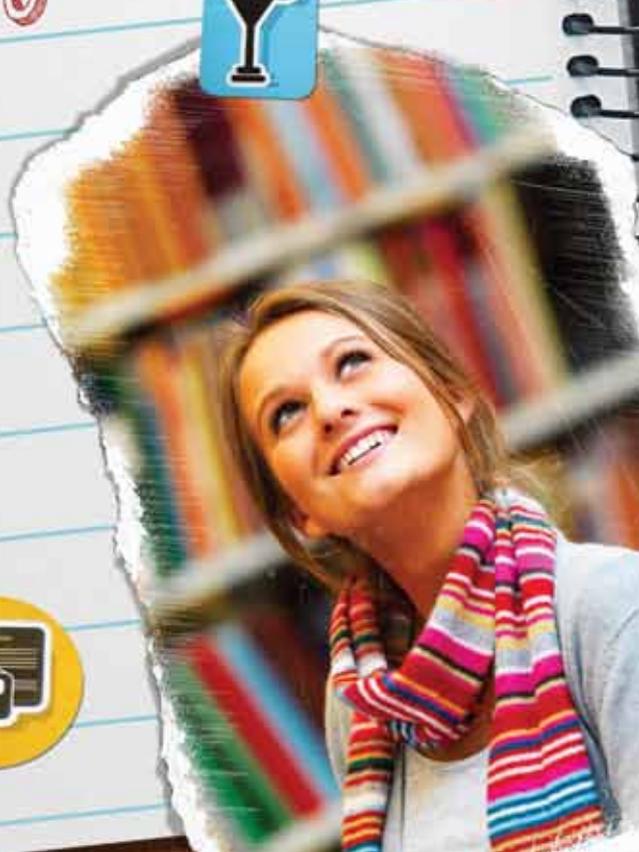
Lançamento em outubro



**Mais visibilidade
para Educação**



**INFO
GRAPHICS**
GRÁFICA & EDITORA





Cedo ou tarde você vai viver o novo.

A gente quer ser feliz sempre. Principalmente quando o futuro chega cheio de surpresas e abre um leque de novos caminhos, seguimos em frente desejando, desde cedo, abraçar cada conquista e cada história de emoção que encontre a nossa. Por isso, nesses 25 anos, tudo que a Unimed Sergipe viveu faz parte do desejo de renovar a sua vida a cada instante.

Feliz 2010



www.unimedse.com.br